

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Curso de Psicologia

VLADIMIR FREDIANI JARDIM

**A MEDICAMENTALIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL E SEUS ATRAVESSAMENTOS
NA ESTRUTURAÇÃO DE IDEIAS CONTEMPORÂNEOS:**
Uma revisão de literatura

Porto Alegre
2022

VLADIMIR FREDIANI JARDIM

**A MEDICAMENTALIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL E SEUS ATRAVESSAMENTOS
NA ESTRUTURAÇÃO DE IDEIAS CONTEMPORÂNEAS:**

Uma revisão de literatura

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicóloga.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Porto Alegre

2022

VLADIMIR FREDIANI JARDIM

**A MEDICAMENTALIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL E SEUS ATRAVESSAMENTOS
NA ESTRUTURAÇÃO DE IDEIAS CONTEMPORÂNEOS:**

Uma revisão de literatura

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicóloga.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Aprovado em: Porto Alegre, 6 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weimann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros, pelo companheirismo e orientação atenciosa ao longo do processo de discussão, pesquisa e escrita do trabalho.

Ao professor Dr. Amadeu de Oliveira Weimann, pela leitura minuciosa e pelos comentários relevantes trazidos à avaliação, que agregam conhecimento e tensionamentos importantes à construção do tema.

Aos meus pais e ao meu irmão, que, com muito carinho e afeto, sempre nutriram o caminho do posicionamento e da reflexão crítica sobre os movimentos políticos no mundo. E à professora Rafaela Kijner, presente com muito amor, cuidado e conselhos importantes à produção deste projeto e à minha vida.

Aos amigos e família que a vida me presenteou, que conheci no início do percurso acadêmico, ainda em outro curso, em outras andanças. Nossas conversas, trocas e companheirismo foram fundamentais para as transformações que vivi.

À família formada na Psicologia, com a qual construí o percurso acadêmico e pude vivenciar experiências que deixam marcas para além deste fim, para a vida toda. Muito obrigado por tudo, Ana Luiza, Antônia, Bryan, Fernanda, Marina, Maurício, Sofia e Yuri.

À UFRGS, ao SUS, às instituições públicas, que através das pessoas que as constituem formam focos de resistência em meio a sistemas de opressão, e que possibilitaram encontros e vivências estruturantes na minha formação.

RESUMO

O presente trabalho procura interrogar o processo de medicamentação, com recorte de campo da saúde mental. Procura-se interrogar se o advento da psicofarmacologia - um campo de saber técnico-científico – ao nível de um dispositivo central no cuidado em saúde mental, tanto na prática clínica quanto na oferta de serviços, possui relação com o que é entendido em Lacan como uma operação discursiva do mestre capitalista. Assim, buscou-se compreender como as demandas do Outro capitalista, cuja correspondência contemporânea pode ser o neoliberalismo, pode ser um produtor de ideais aproximados do que é elaborado pelo paradigma transhumanista. Por tal aproximação procurou-se tecer uma análise sobre se os psicofármacos, e a consequente medicamentação, seriam uma ferramenta tecnológica para se alcançar esse fim, de um ideal próximo a transhumano maquínico. Para tal diálogo, foi lançado mão de uma revisão narrativa de literatura sobre o que está se produzindo no paradigma transhumano, considerando o meio acadêmico e científico, acerca de ideias capitalistas contemporâneos e a psicofarmacologia. Esta pesquisa, então, apresenta um caráter exploratório e descritivo, buscando responder à pergunta: Qual a relação da medicamentação com um ideal de sujeito transhumanista, produzido na contemporaneidade operada pelo discurso capitalista? Na primeira etapa da revisão, foi realizada uma primeira exclusão de artigos e chegou-se a uma tabela com uma amostra de artigos levantados, constituindo um estado da arte da busca. Na segunda etapa, foi realizada nova exclusão de artigos, possibilitando uma discussão qualitativa com os incluídos. Termos como *aprimoramento cognitivo*, *ideais maquínicos*, *medicamentação* e *medicina realizadora de desejos* foram colocados em análise e discussão, possibilitando o desenvolvimento da questão norteadora e da temática deste projeto.

Palavras-chave: Medicamentação. Transhumanismo. Discurso capitalista. Neoliberalismo. Paixão pelo Autômato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Operação Discursiva.....	16
Figura 2 – Discurso do Mestre.....	16
Figura 3 – Discurso do Capitalista.....	16
Figura 4 – <i>Gadgets</i> como objeto a.....	18
Figura 5 - Fluxograma.....	22

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 INTRODUÇÃO	8
2.1 A LÓGICA TRANSHUMANA COMO UM PARADIGMA DISCURSIVO.....	8
2.2 O PROCESSO DE MEDICAMENTALIZAÇÃO.....	11
2.3 OPERAÇÃO DO DISCURSO CAPITALISTA	12
3 OBJETIVOS	17
4 METODOLOGIA	18
5 RESULTADOS	20
5.1 TABELA.....	21
5.2 DISCUSSÃO.....	22
5.2.1. EFEITOS DOS PSICOFÁRMACOS.....	23
5.2.2. OS IDEIAS TRANSHUMANOS E O APRIMORAMENTO COGNITIVO.....	27
5.2.3. CAPITALISMO E MEDICAMENTALIZAÇÃO.....	30
5.2.4. CONCEITO DE <i>WISH-FULFILLING-MEDICINE</i>	37
6 CONSIDERAÇÕES	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A	45

1 APRESENTAÇÃO

O presente estudo constitui-se em um Trabalho de Conclusão de Curso, no qual procura-se, de forma aproximada e incipiente, construir uma pesquisa sobre o processo de medicamentação, com enfoque na saúde mental. Dada a insurgência das ferramentas psicofarmacológicas enquanto eixos centrais no uso de dispositivos clínicos e de saúde mental, esta escrita, de caráter exploratório, busca costurar entendimentos sobre qual a posição, também subjetiva, essa técnica ocupa na contemporaneidade.

Compreende-se a estrutura de tal espaço temporal como uma marca do capitalismo tardio, correspondido pelas práticas políticas e econômicas do neoliberalismo. Frente às demandas desse Outro, marcado por significantes que refletem um discurso voltado à produção, ao mercado e a leis de oferta e demanda, entende-se que o advento da psicofarmacologia pode ter uma relação com os ideais de indivíduos empreendedores, que *trabalham enquanto eles dormem*, ou são donos dos seus próprios destinos, frases e bordões alavancados pela demanda de constante produção.

Considerando esse ideal de indivíduo produtor, correlato a um ser desprovido de faltas que não sofre, não cede a mal-estares, não resigna e, nem ao mesmo, necessita dormir, fez-se uma relação da aproximação dele com um ideal maquínico, de um autômato que corresponde a demandas enquanto executor de funções, programado, que não cessa em corresponder ao comando de um mestre (MEDEIROS, MANO E WEINMANN, 2015). Tal perspectiva maquínica levou à aproximação com paradigmas tecnológicos, que empreendem na transformação do ser humano em um pós-humano. O advento de uma outra espécie, mesclada à tecnologia, é o campo de estudos e teorizações dos transhumanistas, que impulsionam a metamorfose humana.

Assim, foi preciso buscar nesse paradigma teorias já pesquisadas e construídas a respeito de como a medicamentação pode ser um processo contemporâneo advindo de ideais capitalistas de produção. Isso significa dizer que, subjetivamente, existem atravessamentos discursivos e culturais que produzem ideais, que estruturam o sujeito do inconsciente na busca de aperfeiçoar-se, de aprimorar-se para alcançar o patamar de produtor do mestre.

Faz-se o apontamento de que, devido ao recorte desta pesquisa, considera-se aquele sujeito inserido no mercado, na cultura do trabalho contemporâneo, que vende seu único bem, ou seja, sua força de trabalho. Sabe-se que o inconsciente não é desprovido de raça, etnia, gênero, sexualidade. Porém, foi necessário tomar um sujeito próximo àquele de Marx, o proletário submetido ao sistema capitalista, deixando de lado, por hora, outras estruturas sociais que embasam as relações trabalhistas e produzem subjetividades.

2 INTRODUÇÃO

Como forma de iniciar o percurso descritivo desta pesquisa, optou-se por aprofundar-se nos eixos teóricos que, como elucidado, estruturam esta revisão. O *transhumanismo* como o paradigma teórico e a possível constituição de ideais maquínicos que a partir dele são produzidos; a *medicamentalização* como um processo contemporâneo que circunda as práticas e os procedimentos em saúde mental; e as teorias sobre as operações discursivas, especialmente aquela que se atém ao *capitalismo*.

2.1 A LÓGICA TRANSHUMANA COMO UM PARADIGMA DISCURSIVO

Pode-se pensar o transhumanismo como uma corrente de pensamentos derivada das transformações culturais propiciadas pela massividade no uso da tecnologia. Tanto em meios de produção, determinando e redesenhando relações trabalhistas, quanto pela possibilidade de alterações no corpo, na imagem subjetiva constituída inconscientemente e nas relações sociais. As transformações culturais, então, assumem tanto um caráter utilitarista quanto estético, e produzem ou incitam antigas formas de se conceber o que é ser humano. Algo que, nessa linha, não possui uma definição imutável, mas é passível, assim como a própria natureza da onde advém, de ser manipulado. Paradigmas teóricos de discussão passam a conceber seres aliados à tecnologia, tanto para utilizá-la enquanto ferramenta, quanto para incorporá-la, literalmente, ao que é do corpo orgânico, o que acarretaria na produção de novos seres pós-humanos, nesse caso transformados por aprimoramentos biotecnológicos.

Tais ramificações no pensamento racionalista, moderno e ocidental implicam uma quebra com os naturalistas e humanistas, que passaram a serem tidos como conservadores e carregados de um imaginário obsoleto que se atém a noções de humanidade de vieses enrijecidas, não permitindo alterações no que é significado como ser humano, este que carregaria uma essência imutável (GALLIANO, 2019). Por outro lado, o paradigma tecnológico adjacente é caracterizado como anti-natural, como uma corrente que acarretaria em uma separação do ser e do humano, gerando formas de existência cujas características que nos identificam, como as

emoções, as limitações, ou a própria morte, seriam extintas, criando seres próximos das máquinas.

Galliano (2019), cuja pesquisa foi objeto de estudo deste projeto, aborda a discussão entre os chamados transhumanistas e os bioconservadores, procurando delinear a composição paradigmática desse campo de debates tecnocientíficos. Os primeiros estariam em busca de alterações da natureza humana, e “se tivesse que definir um programa transhumanista de máxima, seria a imortalidade” (GALLIANO, 2019). Os segundos, críticos dessas alterações e suas consequências sociais, afirmam a essência humana como sábia e de conotação moral, e que o domínio completo da natureza levaria a um possível extermínio da vida.

Originado como movimento na década de 1980, considera-se o transhumanismo como derivação de uma corrente filosófica aproximada do liberalismo libertário. Logo, “o transhumanismo, com sua confiança na razão e autodeterminação humana, é um herdeiro paradoxical da tradição humanista ocidental” (GALLIANO, 2019). Tal fluxo de ideias direciona-se para noções individualizantes, cujo objeto de apreciação e intervenções seria um indivíduo dissociado do social, do meio, como uma entidade própria e dona de si. Algo aproximado ao empreendedor do capitalismo, alçado ao ideal de indivíduo no cenário político neoliberal (SAFATLE, 2021).

Nota-se que essa perspectiva desconsidera algumas posições materialistas históricas, que colocam os sujeitos como produtos dos seus tempos, cujas próprias limitações e faltas denunciam as do Outro, assim como os sofrimentos elucidam formas de opressão e, atrelado, o silenciamento subjetivo. Dentre essas posições, encontram-se os achados freudianos sobre a formação do inconsciente, cujo mal-estar do advento à civilização é um traço constitutivo. Ou as teorizações de Lacan a respeito das operações discursivas, cujas posições que o sujeito ocupa e os fluxos dos significantes culturais são formas de produção de laços com um outro e de assumir posições na cultura. O próprio discurso do capitalista, aqui considerado uma marca da contemporaneidade, pode ser via de analisar como os significantes produzidos e disseminados nas relações sociais materializam um ideal de indivíduo a ser almejado pelo sujeito, algo que acarretaria em uma busca inconsciente por transformações que incorporem tal materialidade. Em uma relação espelhada, as palavras do Outro, intermediadas por outros, delineiam ideais. A questão colocada é como esse processo pode estar operando na contemporaneidade capitalista, e se

existem ferramentas tecnológicas que surgem como meios de se alcançar tais ideais, atualmente transhumanos, de seres sem faltas e constantemente em condições de produzir.

Claro, é necessário fazer-se a ressalva para a pluralidade presente no uso e incorporação de tecnologias, como apontado por Galliano, que discute suas vertentes e oposições. O autor aborda o fato de que é uma corrente que deve ser explorada e discutida, e tece críticas aos bioconservadores que procuram criticar qualquer mudança de uma natureza humana, desde a imortalidade à homossexualidade. E aponta para a potência do paradigma em ser tomado como uma pauta política, com a possibilidade de se tirar o foco nas transformações e aprimoramentos de um indivíduo, e passá-lo para um social, possibilitando abranger a discussão para a importância de algumas incorporações tecnológicas. Dentre elas, existem as que potencializam formas de existência e subjetividades. A transgeneridade é uma delas, dado que novos medicamentos hormonais e cirurgias acarretam em meios de sujeitos, colocados como abjetos em uma cultura cisnormativa (FAVERO, 2019), possam ser quem desejam e experimentar seus corpos de forma mais aproximada àqueles com os quais se identificam. Outras formas de uso da tecnologia são as realizadas por pessoas diagnosticadas com deficiências múltiplas. Membros biônicos e sintéticos, medicamentos, cirurgias cada vez mais precisas graças às ferramentas, são algumas das possibilidades alcançadas pelo advento da tecnologia e que podem se traduzir em meios para elas colocarem em si, em seus corpos, seus desejos. Faz-se um apontamento, porém, para o fato de que diagnostica-se o indivíduo, procura-se curá-lo, ao invés de reformar uma cultura excludente.

Frente aos apontamentos sobre esse paradigma contemporâneo, levanta-se a questão sobre quais os possíveis atravessamentos no uso de novas tecnologias em saúde mental, especificamente os psicofármacos, que crescem enquanto dispositivo de intervenção em consultórios e práticas clínicas psiquiátricas. A esse processo deu-se o nome de medicamentação, discutido mais abaixo. Ao contrário do uso de tecnologias como forma de potencializar subjetividades, faz-se a discussão se o avanço da psicofarmacologia não tem uma relação com uma lógica contrária, de apagamento do sujeito em prol do advento de um indivíduo produtor, idealizado em um transhumanismo em conluio com vertentes neoliberais.

2.2 O PROCESSO DE MEDICAMENTALIZAÇÃO

Formas de tamponar o mal-estar pelo ideal do bem-estar são lançadas cotidianamente. Em um mundo ocidental que gira pela produção constante de valor, tanto ao produto quanto ao trabalhador que vende sua força, o mal-estar que faz estagnar precisa de uma resolução rápida, que reinsira o indivíduo no mercado rapidamente e tampona a sua ausência. Caso não o faça, outro poderá fazer. E é nesse mundo que se percebe a emergência de um paradigma técnico em saúde, esta recortada ao campo da saúde mental e da psicofarmacologia, o da medicamentação. Assim, “angústia, mal-estar ou dificuldades, outrora compreendidas como parte da complexidade e singularidade do ser humano, passam a ser consideradas doenças ou transtornos diagnosticáveis e, conseqüentemente, ‘medicamentados’, com o intuito de proporcionar cura.” (BEZERRA, et al. 2014).

Rosa e Winograd (2011) trazem a reflexão sobre a lógica normativa que se cria em torno do padrão de bem-estar. São incluídas todas as ramificações do campo da saúde, inclusive a da clínica terapêutica. É abordado o imperativo que circunscreve as técnicas aceitas, correspondendo à resolutividade de sintomas e à geração de sentimentos de satisfação e plenitude, ao apagamento do sofrimento, às ofertas do mercado clínico. Esse estado de ser e estar passa a ser considerado o normal, que na realidade se transforma em um ideal a ser seguido por todo sujeito inserido no campo simbólico. Assim, aponta-se para uma tendência das ciências cognitivas, que pesquisam a mente humana, em extrapolar conceitos que materializam o que se difere desse estado posto como o padrão. Diversos podem ser os nomes de transtornos, que rotulam diferentes formas de mal-estar, e manuais técnicos considerados por algumas vertentes da psicologia como à mercê de um ideal clínico capitalista, que sustentam a elaboração de uma clínica da cura. Em poucos comportamentos e manifestações de sintomas pode-se definir um diagnóstico que dê ao sujeito um sentido para o seu sofrimento. Frente a esse enquadre, uma perspectiva rápida e utilitária surge, como a da medicação.

Em poucos minutos, pode-se dar um nome e achar a resolução de um problema clínico, cuja única requisição se torna a visita esporádica do paciente para a manutenção da dosagem e verificação de efeitos colaterais. Algo que pode ser assemelhado à manutenção da engrenagem de um sistema mecânico. E ao sujeito,

os efeitos da clínica medicamentosa são plenamente cabíveis. Movido pelo seu próprio ideal de produção e consumo, da eficácia, da velocidade e do desempenho, e do qual o advento do sofrimento, do mal-estar, pode colocar-lhe o emprego em risco caso sucumba e estagne, a escolha para se colocar à altura de ideais produzidos na sociedade do capitalismo tardio pode vir a ser aquela mais rápida e produtiva, assim como é a demanda do mercado em que está inserido.

E aqui não se pretende invalidar o espectro terapêutico amplamente estudado e validado, até mesmo através de relatos de casos clínicos (MORENO, MORENO E SOARES, 1999; LOWENKRON, MANOLA, HASSENE E CRUZ, 2007). No campo científico, a utilidade dos psicofármacos enquanto um dispositivo complementar às práticas de cuidado em saúde mental são amplamente conhecidas e disseminadas, assim como o investimento mercadológico pela indústria farmacêutica em pesquisas é notório, algo que também acarreta em estudos altamente eficazes (VIEIRA E SANTOS, 2020). O que busca-se é o tensionamento na ampla assimilação dessa ferramenta como eixo central de cuidado, e o quanto isso está atravessado e operado por um discurso capitalista estruturador de ideais.

2.3 OPERAÇÃO DO DISCURSO CAPITALISTA

Em 1930, Freud, através do seu texto “Mal-estar na Civilização”, elabora sobre como a entrada do sujeito no mundo da cultura é uma origem de desprazer, de sofrimento, a partir do recalque necessário às pulsões que orientam a pessoa à satisfação individual. Essas que, em sociedade, devem ser evitadas para o convívio harmonioso com o outro, devido ao fato de sustentarem-se em necessidades do corpo que, transformadas em ato, são inaceitáveis para a cultura estabelecida. Assim, em uma constante repressão aos impulsos primitivos, o sujeito abre mão da felicidade ideal, plena, de satisfação e sensações constantes de prazer, com o intuito de manter-se em relações e alianças com o meio social (BADIN E MARTINHO, 2018).

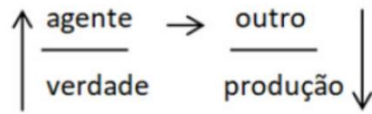
Anteriormente (1925) às condições que Freud estipulou para a entrada do sujeito na civilização, que se tornam fruto de mal-estar, ele caracterizou algumas profissões como impossíveis, dado que nunca seriam plenas no cumprimento de seus objetivos e demandas sociais, por exercerem a função de barrar o sujeito e, conseqüentemente, sempre desprenderem em desprazer. O autor vinculou essas

funções aos atos de educar, de governar e de curar, esta última posteriormente (1937) renomeada como a de analisar. Lacan (1969-1970), retomando os estudos de Freud, acrescenta uma quarta profissão às consideradas impossíveis, a de se fazer desejar.

Frente ao conceito de mal-estar que estrutura os fazeres impossíveis, Lacan teoriza sobre a criação de laços entre os sujeitos, dado que ocorrem junto ao processo de introjeção na cultura. É uma forma de se aproximar e dar contornos ao que ocorre com o ser falante, do inconsciente, que se difere de uma máquina pelas emoções e impulsos orgânicos, e de um animal pela abstração desses impulsos, levados à ordem da pulsão e que se traduz pelo gozo. Dada essa abstração, o ser falante se comunica, significa, e gera traços do que apreende e recalca inconscientemente. Seu entendimento de que nosso campo simbólico e inconsciente é formado pela estrutura linguística, que sustenta a cultura e a transmissão de saberes, levou-o à noção de discursos - que sistematizam as diferentes formas de trocas sociais, ou seja, o inconsciente também opera na materialidade de laços sociais -, sendo essas formas de contornar, em conjunto com um outro identitário, o mal-estar. Os fazeres impossíveis, então, edificam-se na lógica de que é necessário ao sujeito atravessar esse ponto para que possa inserir-se na civilização que o nomeia, que o significa.

Os discursos, então, são conceitos que dão contornos a essas operações dos fazeres impossíveis, cuja lógica se estrutura na transmissão de significantes. Ao fazer governar é atrelada a noção do discurso do mestre, ao educar o discurso do universitário, ao analisar o discurso do analista e ao de fazer desejar o discurso da histórica. A estrutura dos discursos compartilha conceitos relacionados às suas funções na sociedade, e o que se distingue é a posição que os *significantes* (S1 e S2), o *objeto a* e o *sujeito barrado* tomam enquanto operadores discursivos. As funções discursivas são elaboradas de forma sistematizada (fig.1). Há a posição da chamada *verdade*, que sustenta o lugar do *agente* do discurso, que endereça algo e organiza a produção discursiva. Este se endereça a um *outro*, que necessita do agente para se constituir na operação e cuja função o leva à *produção*, ou seja, a partir do discurso do *agente* que se embasa em e é carregado de uma *verdade*, o *outro* opera na *produção* de algo, sendo o efeito de um discurso (BADIN; MARTINHO, 2018).

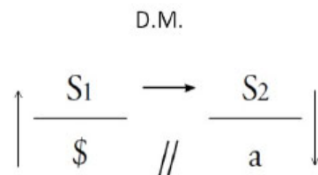
Figura 1 – Operação discursiva



Fonte: Badin; Martinho (2018).

Para interesse dessa escrita, que se propõe a uma síntese incipiente da teoria, a abordagem se restringe ao discurso do mestre (fig. 2), dado que dele se originou o do capitalista, como elaborado por Lacan. Nesse esquema de discurso e constituição de laços, a função de agente é tomada pelo S1 (significante-mestre), que também ocupa uma posição de referência para o sujeito e endereça ao S2 (demais significantes encadeados e que carregam um saber) um “comando” pela produção de um objeto de valor, precioso, de mais-de-gozar, o objeto a. Sob o S1, no lugar da verdade que o embasa e que não pode aparecer, está o \$, o sujeito barrado, castrado, que carrega um saber compartilhado com S2 (BADIN; MARTINHO, 2018).

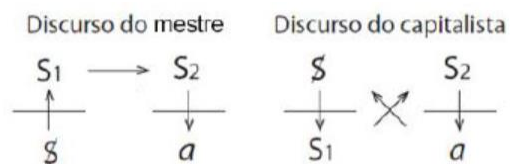
Figura 2 – Discurso do Mestre



Fonte: Badin; Martinho (2018).

Nesse ponto, Lacan (1972) se utiliza de uma inversão do discurso do mestre, de uma torção, para afirmar que o discurso do capitalista (fig. 3) tem algo de uma oposição aos demais discursos: o fato de que ele não gera laços, pois as posições e endereçamentos de S1, S2, a e \$ geram um fluxo intenso contido na própria estrutura do capital, da valorização constante de mercadorias, sem que haja o endereçamento do sujeito a um outro.

Figura 3 – Discurso do Capitalista



Fonte: Badin; Martinho (2018).

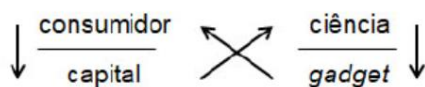
Essa mudança teria se dado devido ao deslize do desejo social para a produção mercantilista e constante valorização do capital. Para tal afirmativa, remete-se a noção de que o discurso do mestre remete ao de se fazer governar. Na clínica que embasa as teorias lacanianas, o que faz governar é o inconsciente, logo o sujeito barrado que encontra-se na base, no lugar da verdade. Porém, existe um fazer governar que está para fora dela, que opera na sociedade através de instituições administradoras e que perpetuam formas de se fazer valer os significantes que estruturam a cultura. Assim, em um contexto social, pode-se pensar que esse sujeito barrado, da verdade, é aquele que faz governar, que através dos seus significantes da lei sustenta a produção. Samo Tomsic (2015) aborda a noção de um inconsciente capitalista, sustentado pela atribuição de valor ao que é do mercado, sustentado pela lógica de oferta e demanda. Faz-se necessário o fluxo e produção de valor ao que é significado enquanto produto, ao que traduz sentidos do que é mercantil, seja de subsistência ou de utilidade outra, como uma estética social e idealizada. Nessa lógica, também se insere a própria força de trabalho, que para ser comprada necessita estar embutida de valor em seus significantes quando endereçada e disponibilizada ao empregador. A operação discursiva do mestre capitalista, então, gera uma necessidade no sujeito em atribuir valor a si próprio, a se individualizar para que possa manter-se no circuito, algo que não atua na formação e sustento de laços com um outro para contornar o mal-estar, mas sim consigo próprio para manter-se produzindo. Tal mecanismo é o que sustenta a produção, valorização, busca constante de se exceder e perpetuar o lucro do mestre que detém aquilo produzido por todos os que trabalham para ele.

Assim, a produção de um excedente de mais-valia, ou de mais-gozar em Lacan, passou a ser o alvo do novo mestre capitalista, que atinge o lucro estimado a partir do excedente de trabalho do trabalhador ao manter posse do que é produzido e vendido. Esse lucro se apresenta como o símbolo, um significante do trabalho a mais realizado, e cujo valor se constitui no preço da mercadoria ofertada que tem uma quantia que se soma ao custo do meio de produção, da matéria-prima e da força de trabalho, um capital extra, que só se torna possível pelo excedente de produção do trabalhador (LUSTOZA, 2009). Esse necessita atribuir valor de uso, também, à sua única mercadoria que é a força de trabalho, cujo preço acaba definido pelo tempo que dedica à produção em escala de mercadorias. Quanto mais tempo de trabalho, maior a produção, maior o lucro do mestre-capitalista, e maior o

giro de capital na sociedade. Assim, o valor social do trabalho não mais se atribui à qualidade de produção, cujo valor se dá na troca com um outro que detém um saber, mas sim na quantidade, cujo valor é atribuído pelo lucro do mestre-capitalista.

E esse lucro, para ser gerado, necessita que a oferta de mercadoria tenha uma demanda correspondente. Logo, os desejos, o inconsciente, as demandas subjetivas não são mais qualidades do que faz humano, mas atribuições quantitativas do que é próprio do consumidor. Para tornar essas atribuições geradoras de valor de uso, e conseqüentemente de troca, a mercadoria necessita ocupar o lugar do objeto a na posição discursiva, do que se produzia como busca do alívio do mal-estar da civilização. Assim, atribui-se ao produto do discurso capitalista a condição de satisfação e felicidade frente ao desprazer da existência (antes contornável pelo laço com o outro), e gera-se demanda para a oferta do excedente de produção que necessita ser escoada (LUSTOZA, 2009). Dessa forma se constitui a lógica dos *gadgets*, por exemplo, produzidos por uma ciência a serviço do significante-mestre capital. O \$ é assumido como o consumidor, ao qual a produção de mais-gozar, o objeto a, é endereçada. Assim, o sujeito-consumidor, ao fazer circular o dinheiro, injeta e atribui valor ao significante-mestre-capital, que impulsiona o outro-ciência com a demanda dominante de produção do objeto a-*gadgets*, dado como a fonte de satisfação do sujeito-consumidor, mantendo o círculo fechado do discurso capitalista em pleno funcionamento (BADIN; MARTINHO, 2018).

Figura 4 – *Gadgets* como objeto a



Fonte: Badin; Martinho (2018).

A função discursiva ocupada pelos *gadgets* é importante para se compreender como um produto originado nos meios capitalistas de produção pode ocupar uma posição subjetiva, imaginária para os sujeitos. Dela pode permitir-se partir para outras aproximações, como a pesquisa de Silveira, Almeida e Carrilho (2019), na qual as autoras buscam tecer relações entre o uso abusivo de benzodiazepínicos na rede de saúde de Fortaleza, e a posição que o fármaco ocupa no lugar de objeto a na operação discursiva. Frente aos mal-estares sociais, o alívio instantâneo e a massiva distribuição da droga farmacêutica acabariam por propiciar uma fonte constante de prazer, assim como o consumo no mercado capitalista.

3 OBJETIVOS

Assim, embasado em tais teorias e paradigmas discursivos, foi possível delinear o campo de estudo desta pesquisa e tecer um caminho para a sua exploração. Dada a insurgência de paradigmas tecnológicos, contemporâneo ao processo de medicamentação e ao próprio neoliberalismo enquanto gestão econômica e política, buscou-se traçar uma relação entre esses eixos e a formação de ideais na contemporaneidade.

Procurou-se, a partir disso, compreender as discussões em vertentes transhumanistas, que elaboram o surgimento de um sujeito contemporâneo atravessado pela tecnologia, e se esse ideal possui uma relação estrutural com a operação do discurso capitalista. A partir desse recorte teórico, elabora-se a relação de um possível ideal maquínico transhumano e capitalista com o paradigma técnico da medicamentação.

4 METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, no qual procura-se adentrar um campo de saber qualitativo (GERHARDT E SILVEIRA, 2009). Optou-se pela revisão narrativa de literatura, na qual busca-se sintetizar o conhecimento de uma determinada área (NOBLE E SMITH, 2018).

A questão norteadora corresponde às três temáticas evidenciadas no estudo: Qual a relação da medicamentação com um ideal de sujeito transhumanista, produzido na contemporaneidade operada pelo discurso capitalista?

Os critérios de inclusão de estudos foram: serem artigos científicos publicados em periódicos; estarem publicados em português, espanhol ou inglês; e serem pesquisas correlacionadas à questão norteadora. Foram excluídos artigos duplicados, não encontrados na íntegra ou artigos de revisão bibliográfica.

A busca foi realizada em julho de 2022, e as bases de dados foram escolhidas pela abrangência e relevância dos dados. São elas: Portal de Periódicos CAPES, SciELO, Portal Regional da BVS e JSTOR.

Para a busca, foram selecionados os indexadores transhumanismo/transhumanism, como forma de se compreender o que está sendo estudado e discutido nesse campo; psicofarmacologia/psychopharmacology, correspondendo ao termo medicamentação, cujas produções referentes ainda são poucas; e capitalismo/capitalism, correspondendo ao conceito de um discurso capitalista operante. Os termos em espanhol correspondem à escrita em português. O indexador utilizado como eixo central foi o transhumanismo, como forma de explorar esse campo de estudo de ideais nos sujeitos contemporâneos. Assim, as buscas foram realizadas associando esse termo com o operador booleano AND aos outros indexadores, em pares: transhumanismo AND psicofarmacologia; transhumanismo AND capitalismo, e seus correspondentes em inglês. Dessa forma, buscou-se correlacionar os campos de saberes. Para filtrar os resultados, foram selecionados, nos buscadores, os filtros correspondentes a artigos. Demais filtros não foram utilizados.

Após o levantamento dos artigos, houve a exportação do conteúdo das pesquisas para o aplicativo de revisão online Rayyan QCRI, da Qatar Computing Research Institute (2016), o qual permitiu a eliminação de publicações duplicadas.

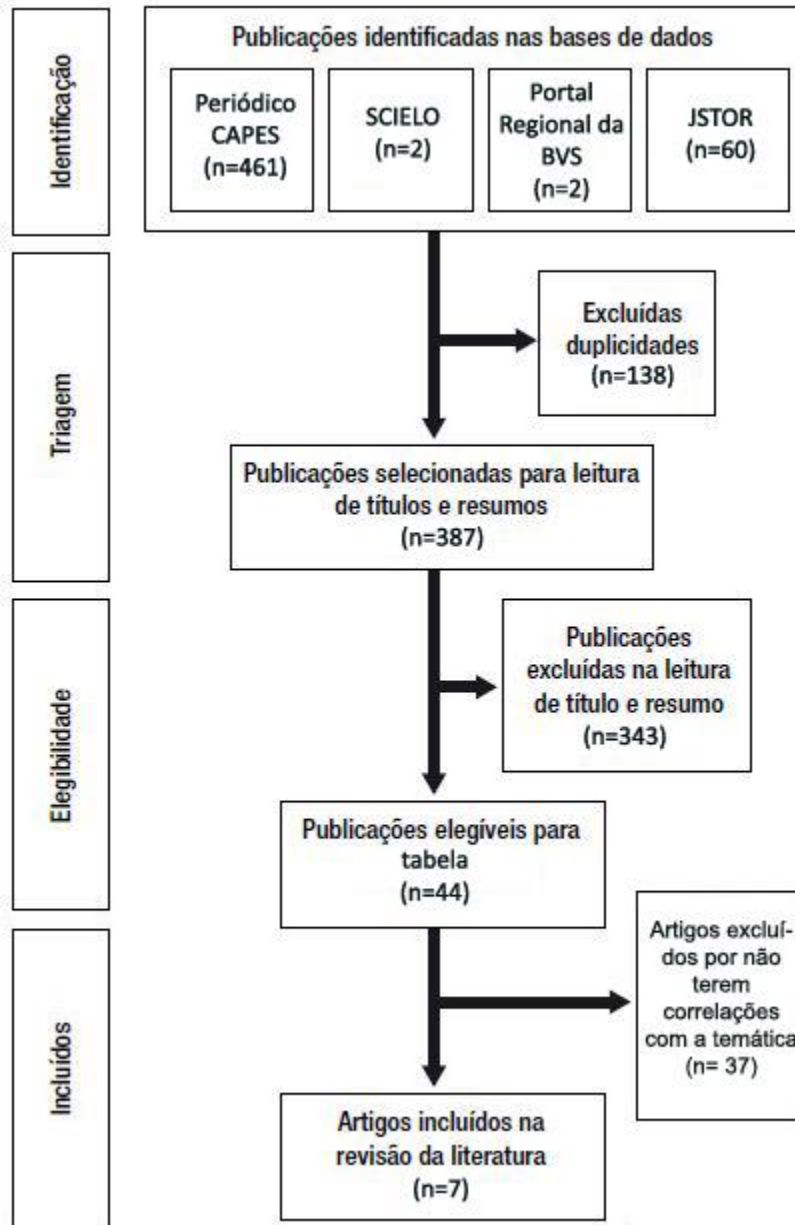
Então, foi realizada a leitura de títulos, resumos, palavras-chaves e, em alguns trabalhos, das definições de conceitos abordados no corpo da escrita. Nas publicações em que não constam um resumo foram lidas as introduções. Dessa forma, foram excluídos artigos duplicados, que não corresponderam à questão norteadora, aqueles sem acesso ao texto na íntegra, trabalhos sem relevância para esta pesquisa, por serem revisões de literatura ou outras publicações, e textos em outras línguas.

Com os artigos considerados relevantes, foi realizado um primeiro mapeamento e categorização dos conteúdos, utilizando-se uma tabela (apêndice A) que permitiu responder às questões: *o que está se produzindo?*, no eixo áreas temáticas; *onde está sendo produzido?*, correspondendo ao campo do conhecimento; e *com o que se está produzindo?*, com o levantamento dos conceitos teóricos que estruturam as pesquisas. Demais dados, como ano, autores, línguas e países também foram categorizados. Essa etapa permitiu o delineamento de um estado da arte do que vem sendo discutido no meio acadêmico, considerando o recorte desta pesquisa.

Após a etapa de montagem da tabela e elaboração do estado da arte, foi realizada uma nova inclusão de artigos para a construção de reflexões sobre a questão deste projeto. Para esse processo foram incluídos apenas aqueles considerados com estreita relação com a questão norteadora e temática desta pesquisa. Foi realizada a inclusão de trabalhos correspondentes ao campo da psicofarmacologia e de ideais transhumanos, havendo a exclusão de demais artigos não correspondentes ao tema. Dessa seleção, realizou-se o fichamento dos artigos e, posteriormente, fez-se a subcategorização dos resultados achados, como forma de agrupar as ideias em comuns trabalhadas pelos autores e abrir a possibilidade de tecer argumentos dentro do que já se construiu cientificamente em cada tópico de evidências. Assim, foi realizada uma discussão qualitativa acerca das produções e conseqüente aproximação com o tema pesquisado. Foi possível estabelecer o aprofundamento da questão norteadora no meio acadêmico e científico, fazer a correlação das teorias e reflexões abordadas e fomentar a discussão deste projeto.

5 RESULTADOS

Figura 5 – Fluxograma



Fonte: Adaptado de Souza; et al (2022).

Foram achados 525 artigos nos bancos de dados mencionados, a partir dos indexadores utilizados e suas combinações. O período das publicações ficou entre 1995 (mais antiga encontrada) e 2022 (ano desta pesquisa). Desse montante, 138 foram excluídos na primeira revisão. Foram lidos os títulos e resumos dos 387 restantes, dos quais 343 foram excluídos por serem artigos opinativos, debates,

editoriais ou de revisão, por não terem sido encontrados na íntegra, por estarem em outra língua e por não correlacionarem as temáticas abordadas na busca.

5.1 TABELA

Assim, 44 artigos foram considerados elegíveis para compor a tabela e delinear o estado da arte do meio científico, correlacionando as temáticas capitalismo e psicofarmacologia com o eixo transhumano.

O período de publicação dos artigos elegíveis corresponde a 2002 (data do mais antigo incluído) e 2022 (data desta pesquisa). Quanto à divisão entre as línguas selecionadas, 3 foram publicados em português, 13 em espanhol e 28 em inglês. Quanto aos locais de publicação, 19 países diferentes foram encontrados, cujos mais frequentes são Inglaterra (7), Espanha (5) e Brasil, Canadá e Estados Unidos (4).

No campo das áreas temáticas, correspondendo à questão *o que está sendo pesquisado?*, notou-se algumas aproximações entre os temas. Dentre as mais frequentes, ressalta-se aquelas pesquisas que procuraram tecer uma análise crítica sobre o advento do paradigma transhumano em meio ao sistema capitalista. Questiona-se se mesclas de novas tecnologias com os corpos, e a consequente transformação de noções de ser humano, levaria à intensificação de formas de desigualdade social, em decorrência de disparidades no acesso ao consumo e ao mercado de trabalho. Comumente, pesquisadores que se orientam por essa análise se utilizam de perspectivas marxistas para a elaboração dos trabalhos. Também se faz o apontamento para os projetos que questionam a substituição dos humanos por máquinas, e se esse futuro acarretaria em pobreza por desemprego ou na obsolescência do trabalho de um ser humano abastecido em suas necessidades.

Outros estudos, correlacionando transhumanismo com psicofarmacologia, abordam as alterações cognitivas propiciadas por psicofármacos. Busca-se uma visão bioética acerca dos limites transponíveis pelo uso de medicamentos e seus resultados. Enquanto alguns trazem uma visão otimista, argumentando que esse uso possibilita ao humano moldar comportamentos e tomadas de decisões, auxiliando em uma busca por aprimoramento ético, outros trazem uma análise sobre o uso dessa tecnologia em contraposição com ideais de liberdade e autonomia de seres humanos.

Também faz-se o apontamento para o uso da literatura e das artes cênicas como forma de se projetar um futuro distópico, tomado pela tecnologia e por seres pós e transhumanos. Esses estudos procuram, dentro das artes, discutir possíveis cenários que se desencadeariam das transformações movidas pelo advento de tecnologias, ora em correspondência com um mundo capitalista e a demanda de produção, ora em uma noção de desejo oriundo e manipulado no capitalismo tardio.

Quanto aos campos do conhecimento da onde advém a maior parte dos estudos, os mais aparentes foram a Filosofia e a Sociologia, com menção para a Antropologia. Isso pode ser devido ao fato de que a maior parte das pesquisas corresponde a uma correlação de transhumanismo com capitalismo, sendo o último tomado por uma estrutura macroeconômica e política. Quanto às pesquisas que abordam a psicofarmacologia, faz-se o apontamento de que os campos mais aparentes foram o da Neurociência e Biotecnologia, com menção à Medicina. Poucos estudos do campo da Psicologia foram encontrados, assim como da Psicanálise, com apenas 1 relacionado.

Os conceitos utilizados como ferramentas, respondendo à questão *com o quê os pesquisadores estão construindo seus projetos?*, são variados. Entre os que analisaram a relação do transhumanismo com o sistema capitalista e possíveis cenários advindos dessa transmutação do humano, alguns conceitos comuns têm raízes na teoria marxista. É o caso de *new man* ou *men made in property*, de capital e de valor. Outros conceitos levantados em estudos que mesclam transhumanismo e capitalismo são: tecnofilia ou *tecnophilia*, capitalismo tardio, *homo economicus*, dentre outros. Nos trabalhos que procuram avaliar o uso de psicofármacos, um conceito comum é o de bioética, dado que esses costumam analisar os limites éticos implicados nas transformações do corpo e manipulação da vida a partir disso. Outros conceitos comuns a esses estudos foram: aprimoramento moral, *enhancement* e *cognitive enhancement*, que abordam sobre a noção de aprimoramento de capacidades cognitivas como forma de se alcançar ideias de comportamentos e tomadas de decisões em conluio com uma noção de moralidade que não inclui a transposição de determinadas leis e regras.

5.2 DISCUSSÃO

Dos 44 artigos considerados elegíveis para compor a tabela, 7 foram incluídos para compor a etapa da discussão qualitativa, por serem considerados estritamente correlacionados com a temática desta pesquisa. Após o fichamento e construção das subcategorias, chegou-se aos tópicos elaborados abaixo, da onde partiu-se para a busca de argumentações dos autores e articulações com a questão deste projeto.

5.2.1 EFEITOS DOS PSICOFÁRMACOS

Começa-se por este tópico de discussão pelos apontamentos feitos em alguns artigos aos efeitos dos medicamentos utilizados com vieses de aprimoramento. Assim, tendo-se a constatação ou o levantamento de dúvidas sobre quais as reações do uso de psicofármacos, é possível abranger a análise para quais os objetivos que são almejados ao serem utilizados sem restrições em relação às condições clínicas de um paciente, cenário que será abordado ao discorrer os dados extraídos dos estudos.

Percebe-se que há casos de uso dos fármacos psicotrópicos por conta dos seus efeitos no foco, atenção, retenção ou estimulação do sono, dentre outros. São pontos de atuação em sintomas de transtornos, como é avaliado pelo contexto biomédico, que não alteram ou produzem uma cura para a personalidade ou humor circunscritos por manuais técnicos de saúde mental. Eles atenuam comportamentos que produzem sofrimento, ao desencadearem alterações químicas, hormonais no corpo orgânico. E aqui já é possível uma observação a respeito do paradigma transhumano, dado que os medicamentos são frutos do que seres humanos produziram com tecnologias contemporâneas, diferentemente dos saberes medicinais extraídos de plantas, da natureza, e analisados empiricamente. Essas ferramentas possuem a característica de terem sido produzidas para atuar na alteração do corpo orgânico, produzir mudanças de comportamentos e características humanas, agirem em prol de uma transformação naquilo que é considerado limitante para pacientes da psiquiatria.

Uma questão é que essas limitações também podem ser averiguadas em pessoas que simplesmente necessitam dormir menos, focar mais, dormir rápido para que o sono se encaixe em um cronograma apertado, memorizar com mais capacidade. Assim, os efeitos produzidos em comportamentos sintomáticos também podem ser utilizados para comportamentos em um geral, como é demonstrado no

estudo de DUBLJEVIĆ e RYAN (2015), ao analisarem os psicofármacos metilfenidato (Ritalina) e modafinil (também conhecida popularmente como *pílula da inteligência*).

Entre os usos comuns do metilfenidato, encontram-se os sintomas correlacionados a dificuldades no foco e atenção. Esse é um medicamento usualmente receitado para Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH), sendo comum o uso em crianças e adolescentes diagnosticados. O seu mecanismo de ação é pelo bloqueio da recaptação do neurotransmissor dopamina durante a sinapse, o que pode acarretar em maior liberação de dopamina e noradrenalina, sendo considerado a causa do desempenho na cognição (SULZER, SONDEERS, POULSEN E GALLI, 2005). Já para o modafinil, os mecanismos de ação no cérebro ainda são considerados desconhecidos. O desencadeamento da sua ação estaria relacionada com uma série de hormônios, e o efeito concreto dessas alterações ainda é incerto (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015). O que é levantado pelo estudo, além das possíveis ações inibitórias ou excitatórias de neurotransmissores (como dopamina, noradrenalina, serotonina, glutamato, GABA), é que “os mecanismos subjacentes aos efeitos neuromoduladores do modafinil são complexos e de alguma forma diferem das drogas estimulantes mais antigas, como metilfenidato e anfetaminas” (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015, tradução autoral). Ou seja, um medicamento amplamente utilizado e comercializado, sob os preceitos de aprimorar a inteligência, ainda tem seus mecanismos de ação pouco certificados. Algo que se distancia da perspectiva cartesiana e científica, das quais se vale a biomedicina, de que as práticas de cuidado exigem um saber completo, irrefutável.

Assim, através de circuitos neuronais de ação, esses medicamentos produzem alterações no campo da memória, foco, atenção e excitabilidade. Porém, não são apenas esses, considerados efeitos desejáveis, os consequentes do uso. No caso do metilfenidato, diversos efeitos adversos também já foram constatados, como nervosismo, insônia, sonolência, efeitos na gravidez e possíveis adversidades cardiovasculares (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015). Em relação ao modafinil, é constatado que ainda se sabe pouco sobre as adversidades, sendo consideradas de curto prazo e baixo risco. Mas, como seu uso no mercado ainda era recente na data do referido estudo, foi feita a consideração de que ainda existem riscos de longo prazo a serem observados.

Outros apontamentos feitos vão de encontro ao que Repantis, et al (2010) constatou através de uma revisão sistemática de estudos controle sobre os efeitos

dos dois medicamentos como neuroaprimoramento. Segundo as análises do pesquisador, existe uma falha crucial na maioria das aplicações de estudo-controle realizadas até aquela data: de que as pessoas submetidas aos grupos-controle ingeriam os psicofármacos apenas uma vez, ou de forma pouco relevante quando comparado a um consumo diário (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015).

“A revisão de Repantis, então, não continha dados empíricos para apoiar uma declaração de que nem o metilfenidato ou o modafinil seriam úteis para melhorar a cognição em situações em que pessoa tome a droga mais de uma vez. Todas as informações são derivadas de estudos de ingestão de dosagem única. Para tentar construir dados de um número de testes, os autores da revisão de Repantis levantaram dados disponíveis de quaisquer estudos reportados com detalhes suficientes para permitir a extração de dados dos resultados e submetê-los a uma meta-análise. infelizmente, como um número de estudos não permitia essa extração de dados, o número de estudos disponíveis para meta-análise era consideravelmente reduzido. Havia apenas dez estudos sobre os efeitos de metilfenidato na atenção, apenas quatro sobre os seus efeitos na memória e apenas três sobre os seus efeitos em funções executivas. Os estudos sobre modafinil tendem a ser reportados com mais detalhes, possibilitando vinte e um estudos acerca da atenção sujeitos à meta-análise, sete sobre a memória, e nove sobre funções executivas.” (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015, tradução autoral).

Considerando o levantamento realizado por Repantis, é possível afirmar que os objetivos almejados por eixos biomédicos e transhumanistas que defendem a utilização de psicofármacos para aprimoramento moral são inconsistentes, quando consideradas essas duas drogas, pois tal prática demandaria uma dosagem contínua, ao passo que ainda não se sabe a eficácia desse método ao longo prazo.

Outra pesquisa incluída nesta etapa foi a de Domínguez (2016), e que também remete a Repantis. Como forma de analisar as implicações bioéticas em relação ao aprimoramento cognitivo, a autora aborda estudos sobre as indicações e os efeitos de drogas psicotrópicas, como donepezil para alzheimer, modafinil para transtornos relacionados ao sono e metilfenidato para déficit de atenção, e acaba caracterizando-os como potenciadores cognitivos (remetente a aprimoramento cognitivo). Porém, faz a ressalva de que, devido aos seus efeitos cognitivos, vem-se observando um aumento significativo na utilização de psicofármacos por pessoas consideradas *saudáveis*.

“Mesmo que os resultados de muitos estudos clínicos realizados até a data, com os chamados potenciadores cognitivos, não possam ser considerados como um suporte irrefutável de evidência científica, e ainda mais, se tenham dúvidas sobre o êxito no futuro próximo das intervenções farmacológicas com vias de alcançar o neuroaprimoramento das pessoas, é inegável que existe uma ampla tendência a promover a ‘neurologia cosmética, mediante o uso de nootrópicos ou drogas inteligentes - *smart drugs* - capazes de

melhorar as capacidades cognitivas em pessoas saudáveis’.” (DOMÍNGUEZ, 2016, tradução autoral).

Os dois estudos trazidos acima, frutos da revisão, ponderam questões acerca dos efeitos dos psicofármacos e o conseqüente uso para aprimoramentos. Tais discussões serão melhor destrinchadas nos próximos tópicos, apesar de sintetizadas neste trecho. Enquanto que Dubljević e Ryan elaboram sobre as implicações sociais desse tipo de conduta, assinalando possíveis adversidades a se desencadearem em ambientes de trabalho e faculdade, ou seja, de produção, Domínguez traz considerações sobre os limites bioéticos na disseminação dos potencializadores.

Então, é possível assumir que as duas pesquisas ponderam sobre repercussões disruptivas, com potências problemáticas para a sociedade e relações sociais. Ao passo que o estudo de Savulescu e Persson (2012) traz uma perspectiva transhumana, no sentido de que buscam avaliar as potencialidades para a conduta humana a partir do aprimoramento de funções cognitivas. Assim, os autores elaboram sobre o viés de um possível aprimoramento moral desencadeado pelos efeitos dos psicofármacos nas regulações de humor. Um exemplo utilizado foi o estudo de Kosfeld, et al (2005), que avaliou a relação entre os níveis de oxitocina no corpo e a confiança desprendida de uma pessoa para a outra. Segundo os resultados da pesquisa, o grupo-controle administrado com suplemento de oxitocina apresentaram maiores relações de confiança em trocas envolvendo dinheiro, o que os autores comentam que poderia ser um meio de tornar as pessoas mais suscetíveis a doações. Em contrapartida, esse grupo administrado com suplemento apresentou tendências auto-preservativas com relação à influência de agentes externos, inferindo possíveis atitudes discriminatórias de grupos. Também aborda a serotonina e estudos com citalopram, trazendo evidências de que o uso do remédio aumenta a cooperação de grupos, tornando os consumidores mais dispostos a cooperar. E aborda a questão de que pessoas sob o uso de fármacos que retém serotonina podem se tornar mais receptivos a ações injustas de controle.

Apesar das ressalvas dos efeitos negativos no uso de fármacos para indução de comportamentos, é elaborada a questão sobre como a dosagem e a forma correta de administração poderia trazer resultados promissores no aprimoramento moral. Se referindo a pesquisas-controle sobre os efeitos de psicofármacos, afirma que elas podem levar a “intervenções farmacológicas para aumentar a empatia, cooperação, e confiança. De fato, nossa própria pesquisa empírica já mostrou que o

propranolol pode reduzir tendências raciais implícitas e produzir menos julgamentos utilitários” (SAVULESCU E PERSSON, 2012, tradução autoral).

Após as considerações relacionadas aos efeitos de psicofármacos, parte-se para os pontos de discussão sobre o que seria o aprimoramento cognitivo. Procura-se adentrar não apenas a definição do termo, mas os desencadeamentos de tal linha de atuação da psicofarmacologia, dado que esse é um dos principais efeitos colaterais dentre os constatados pelos estudos.

5.2.2 OS IDEAIS TRANSHUMANOS E O APRIMORAMENTO COGNITIVO

Discorrer sobre esse termo envolve algumas implicações e análises a respeito da guinada percorrida pela humanidade em direção às alterações orgânicas, corporais. Assim, é cabível a consideração de que essa não é uma prática atual, moderna ou contemporânea.

Desde que os primeiros seres humanos descobriram formas de manusear a natureza, moldá-la no construto de ferramentas e dispositivos que auxiliem a suprir necessidades reais de sobrevivência, as técnicas de aprimoramento daquilo que, antes, era de uma ordem natural da vida, como a própria morte, passaram a constituir novos traços culturais e possibilitar, inclusive, que os significantes atribuídos ao mundo se compartilhassem transgeracionalmente. Ou seja, a própria cultura por si só estrutura-se (assim como, molda, em uma relação bilateral) nas manipulações tecnológicas que a humanidade inventou ao longo da história. O carro, antes a carroça, a tinta e a escrita, os óculos, aparelhos dentários, a manipulação de chás e ervas medicinais, diversos são os utensílios e maquinários que passaram a articular as relações humanas e a vida em sociedade.

Ao passo que essas transformações tecnológicas ocorreram, foi possível ir a pontos mais além, tanto em questão de distância, com viagens espaciais, quanto em questão de minúcia, como no estudo do que é invisível ao olho nu. Nesse ponto, a neurociência entra em cena, articulando saberes com a psicofarmacologia. O estudo molecular neuronal possibilitou a manipulação do que antes era de um campo empírico, do observável. Os comportamentos, a personalidade, mesmo o que emerge do sujeito barrado laciano, antes podia ser trabalhado, ou até mesmo manipulado, com o aprimoramento de técnicas de escuta, da palavra, da articulação comunicativa. Com o advento da psicofarmacologia e saberes neurocientíficos,

surgiu a possibilidade de se moldar essas características que constituem o que é *ser humano* por uma via orgânica, corporal. Assim, alimenta-se a busca por se tornar *mais e melhor*, cujo ideal de ser pode ser correspondente ao de um humano ilimitado, infalível, sem faltas, e, até mesmo, imortal, um ser transhumano.

“Esse é o objeto da busca transhumanista por imortalidade e expressa um desejo de transformar nós mesmos em seres que são melhores que humanos - que podem viver mais e ser mais inteligentes, fortes, e geralmente superiores que humanos comuns.” (Belk, 2019, tradução autoral).

A citação acima corresponde ao estudo de Russell Belk (2019), cujo tema traz considerações sobre possíveis desencadeamentos na circulação de novas máquinas no cotidiano das pessoas. O autor tece comparações, um espelhamento do ser humano com um outro ser. Aborda o fato de que, em outros tempos, a humanidade já se viu deparada com um Outro. No caso, os animais, a natureza, o ambiente externo com o qual mediu forças para se equiparar de diversas formas (o advento da tecnologia), e emergir enquanto mais forte, rápido, inteligente. Agora, após estabelecermos um passo fora desse circuito e dominarmos aquilo caracterizado como o *selvagem*, estaríamos nos deparando novamente com uma força insurgente da própria criação humana. “Máquinas modernas fazem muitas maravilhas para nós, mas elas também estão nos obrigando a re-examinar se realmente somos a espécie superior.” (BELK, 2019, tradução autoral).

Como forma de se equiparar com o advento de um ser que poderia substituir nossas habilidades (algo que já pode ser observado no campo do trabalho, quando indústrias automatizadas ganharam força em detrimento das produções manuais e artesanais) as vias para a fuga de uma obsolescência estariam em aprimorarmos o que é do orgânico, do corpo, e buscar, assim, uma transformação para um ser pós-humano: “Enquanto nossas máquinas se tornam mais parecidas com humanos, nós nos tornamos mais parecidos com as máquinas [...], nós incorporamos substâncias ou dispositivos que realçam nossas habilidades e aparência.” (BELK, 2019, tradução autoral). Tais colocações levam à noção de uma imagem, de um ideal abordado e estruturado no paradigma transhumanista, cujos métodos de realizar essa transformação estariam embasados pela possibilidade de aprimoramento das consideradas capacidades humanas.

Com o avanço dos saberes biomédicos e neurológicos, possibilita-se alcançar uma nova forma de manipulação do que é derivado de algo dado, concebido na natureza. Dentre os diferentes órgãos que compõem o corpo humano, o cérebro é um cuja materialidade vem sendo esmiuçada ao longo dos avanços nas pesquisas neurocientíficas. E não apenas a sua constituição visível a olho nu, cuja exploração anatômica já data desde o século XVI (KICKHÖFEL, 2003). Mas sim ao nível molecular, partindo-se para a manipulação hormonal e de neurotransmissores, algo que possibilita a atuação em formas de comportamento, personalidade, de como alguém se coloca e emerge subjetivamente.

Esse é um dos pontos em que a neurociência e a psicofarmacologia enlaçam seus saberes, o que se atravessa com os dizeres de que os medicamentos psicotrópicos possuem efeitos potencializadores do que é considerado da ordem das capacidades e habilidades, como o foco, a atenção, a força de vontade, dentre outros termos que categorizam as formas de se relacionar com o ambiente.

Como trazido no tópico anterior, essas formas de atuação objetivam, a uma primeira vista, operar na cura e manutenção de sintomas em pacientes de serviços e consultórios clínicos diagnosticados com transtornos psiquiátricos. Porém, devido ao fato de que esses sintomas podem se correlacionar a faltas humanas, ao que, como nos explicou Freud, pode ser oriundo do mal-estar do advento da cultura para o sujeito, os psicofármacos também adquirem funções no cotidiano de pessoas não diagnosticadas. Para aquilo que as demandas simbólicas podem surgir como castradoras, esses dispositivos terapêuticos podem servir de auxílio, de ferramenta, para que pessoas alcancem um resultado melhor de si mesmas. E tais resultados podem trazer frutos, potencializar performances.

“Potencializar o desempenho mental - *mental performance* - de uma pessoa sem nenhum tipo de disfunção física ou mental, mas sim porque poderia se beneficiar disso em sua condição social, de trabalho ou acadêmica, é uma das possibilidades que oferece, atualmente, a investigação pragmática em neurociências aplicadas à psicofarmacologia.” (DOMÍNGUEZ, 2016, tradução autoral).

A essa prática e uso de psicofármacos foi atribuído o termo de aprimoramento cognitivo. E aqui cabe fazer-se um apontamento, sobre o significante que marca essa forma de utilização dos medicamentos. Não apenas é dito que ela produz alterações, como que aprimora a cognição, aprimora o que falta, o que ainda é humano.

Como trazido por Dubljević e Ryan (2015), tais manipulações são comuns na cultura, visto que já são utilizadas há algum tempo dentre profissões e meios de competição, como o esporte. Algo que levanta um ponto sobre o porquê que há um crescente uso em outros espaços, como apontado por autores que tecem relações entre o uso de psicofármacos e aprimoramento cognitivo (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015; DOMÍNGUEZ, 2016). Segundo os estudos, há uma crescente aderência de nichos de estudantes na busca de potencializadores. É trazida a taxa de que, possivelmente, entre 5% e 15% dos estudantes universitários estadunidenses já fizeram uso de psicofármacos com a finalidade de realçar a produção acadêmica. O que coloca em perspectiva, também, a maneira como se constitui as relações de demanda por trabalho em meios atravessados por discursos produtivistas e utilitaristas.

“Neuroaprimoramentos em geral, e o aprimoramento cognitivo em particular, posta novos desafios. Em uma mão, são realçadores da mente, em oposição aos aprimoramentos antigos do corpo, ‘sem mente’. [...] Além disso, o aprimoramento cognitivo promete (ou ameaça) desafiar e mudar as vidas de todos os cidadãos, e não só para os membros de uma certa profissão (atletas, artistas de cinema, etc.).” (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015, tradução autoral).

5.2.3 CAPITALISMO E MEDICAMENTALIZAÇÃO

No trabalho de Alonso (2012), procura-se tecer uma análise sobre o uso de psicofármacos e a sua relação com a subjetividade, com aquilo que é concebido como do ser humano. E é a essa crítica que este tópico se atém, explorando as relações do uso dos medicamentos com formas de constituição do sujeito, atravessado por diversos enlaces com a cultura.

O próprio advento do sujeito enquanto um ser da cultura é um desencadeador de mal-estar (FREUD, 1930). Como elaborado acima, o momento em que alguém se depara com as leis e contratos sociais, que inibem comportamentos e pulsões psíquicas, produz uma necessidade de recalçamento de certas vontades, impulsos que precisam ser recalçados para que se possa criar um nome para si, reconhecido e adequado à sociedade. São pontos de aparição das faltas constitutivas, em que fica dito e não dito que o sujeito não é um todo, assim como o próprio é constituído de faltas que não dão conta de significar aquilo que é próprio de um imaginário (LACAN, 1968-1969). Assim, é reconhecido que a expressão de algo que aflige, que

angustia, é próprio da constituição subjetiva, cuja elaboração de tais formas de sofrimento é tecida em práticas clínicas de escuta.

Isso não é algo novo e contemporâneo. O princípio de que, inconscientemente, as pessoas jogam com lógicas de prazer e desprazer, abnegando de forças pulsionais em alguns momentos para obter ganhos em outros, é algo se presentifica desde que existiram formas de organizações de grupo, que levam um sujeito a ser barrado para que sobreviva enquanto circundado pela segurança e trocas providas pelo Outro. Porém, faz-se o apontamento para a leitura sobre a cultura contemporânea, estruturada por relações de trocas oriundas do capitalismo tardio, que opera com significantes que demandam uma forma de positividade constante. O que é da ordem da dor, do que faz parar e refletir sobre algo além da demanda, e que carrega marcas da própria existência, precisa ser colocado de lado para dar cabo de seguir em constante produção.

A lógica neoliberal de produção, considerado o modelo atual de gestão econômica no capitalismo tardio (ANDRADE, 2019; PIMENTA E ARAÚJO, 2018), desenha sujeitos sempre prontos a atender a uma demanda. A falta, a castração que leva a um não (não poder, não conseguir, não estar pronto) deve ser por si só barrada para que o indivíduo esteja em dia com seus meios para empreender. Existe, nessa regulação, uma determinação para que o autocontrole seja uma força motriz e, assim, o sofrimento nunca produza aquilo que é próprio da sua elaboração: uma pausa, um tempo para si, momentos de reflexão. Tais faltas constitutivas dos sujeitos trazem a enunciação de que há espaços vazios, buracos na enunciação do Outro, na sua cadeia de significantes que não demarca um todo. E, defrontar-se com uma falta em si pode levar alguém a denunciar as falhas em uma operação cultural, demandando um abafamento do que faz sofrer.

“Para tanto, seria necessário que a própria noção de conflito desaparecesse do horizonte de constituição da estrutura psíquica, que uma subjetividade própria a um esportista preocupado com performances se generalizasse, e para isso a mobilização de processos de internalização disciplinar de pressupostos morais era fundamental.” (SAFATLE, 2021).

O que Safatle evidencia é que a própria operação da lógica neoliberal coloca o sujeito em constante avaliação de si mesmo, pois, caso não o faça, existe uma peça de troca, um outro indivíduo que necessita do seu trabalho para constituir seus próprios meios de subsídio (SILVA et al, 2021). Não existem meandros para uma articulação comunitária de revolta, pois aquele com o qual poderia-se construir uma

aliança, acaba por se tornar o próprio inimigo a ser vencido. A operação discursiva do capitalismo não leva à constituição de laços, como mostra Lacan e como foi elaborado acima, ela leva a uma necessidade de consumo, da produção de valor de si para que se possa realizar trocas com o Outro e obter aquilo que é dado como fruto do trabalho, os produtos comercializados. Assim, discursos que transmitem uma noção de empoderamento do indivíduo, de que ele por si só possa administrar o seu próprio valor social, ganham força.

“Como sabemos, a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como ‘empresários de si mesmos’ que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retornos de ‘capitais’ e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de ‘inteligência emocional’ e otimização de suas competências afetivas. Ela permitiu ainda a ‘racionalização empresarial do desejo’, fundamento normativo para a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação constante de si a partir de critérios derivados do mundo da administração de empresas.” (SAFATLE, 2021).

Nessa sociedade onde o controle do sofrimento é força motriz de produção, os saberes e técnicas que delimitam transtornos e fazem valer uma lógica de anormalidade daquilo que é faltante podem passar a ser normativas, adquirindo poder discursivo. É o caso de campos do conhecimento que trabalham, especificamente, com o diagnóstico, com a categorização do sofrimento (NEVES et al, 2021). A partir do momento em que se mapeia o mal-estar sob o pretexto de uma lógica racional e evidenciada no mais profundo nível anatômico e molecular, permite-se, sem ressalvas, a produção de curas, pois a geração dos transtornos acaba desenhada pela sistematização dos sintomas. Não há espaço para se questionar como a cultura produz o mal-estar, dado que já existe uma delimitação orgânica a partir do indivíduo. Porém, o que se sabe é o que esse mal-estar é constitutivo de sujeitos, possibilitando que todas as pessoas possam usufruir de curas, aprimorar as suas falhas. E é nessa lógica que a indústria da psicofarmacologia pode se inserir.

“[...] Contudo, explorando as redes de financiamento e interesse que ligam instituições psiquiátricas e setores do mercado, em especial a indústria farmacêutica, outra abordagem mostra que a relação entre a economia neoliberal e a psiquiatria não é apenas a de uma patogênese da economia sobre as pessoas, que, por sua vez, solicitaria tratamentos da psiquiatria a seu tempo. Nessa abordagem, fica claro que a psiquiatria assume também a função de produção de patologias a serviço do consumo de psicofármacos.” (NEVES et al, 2021)

O que se apresenta é que os mapeamentos de transtornos e sintomas justamente enunciam as faltas no indivíduo, deixando de lado o que os discursos operacionais também produzem enquanto aspectos subjetivos. O sujeito é deixado de lado para que se possa celebrar o advento do indivíduo, passível de ser aprimorado cognitivamente. Os estudos de Savulescu e Persson (2012), apontam para a necessidade de se flexibilizar o uso de psicofármacos em vias de se tornar possível práticas de aprimoramento moral, dado os efeitos que eles trazem na regulação do humor das pessoas. Isso poderia levar à manipulação dos indivíduos de forma a torná-los mais adequados para a circulação social, mais civilizados, mais capacitados enquanto transhumanos. O apontamento de que atitudes discriminatórias, como as oriundas do racismo, poderiam ser atenuadas ao ponto da dissolução. Exclui-se o fato de que, em países com passados escravagistas, a própria estrutura social é fundada na discriminação racial (FANON, 1952), buscando-se atuar no comportamento do indivíduo e na consequente manipulação dos seus atos para a resolução de traumas históricos. Outra consideração é para o ponto em que se exemplificam atos infracionais. Deixa-se de lado o que os discursos e seus significantes são capazes de operar na produção de sujeitos, ou como as posições de desvalia e marginalização social produzem sofrimentos que retornam em expressões de angústia e revoltas. E, dado que esse retorno é amplamente diagnosticado, facilita-se o implemento de tratamentos de cura e apagamento da dor.

O que é considerado *negativo* pode ser expelido graças ao advento de substâncias psicotrópicas, ao invés do incentivo do seu surgimento em espaços de escuta e acolhimento. Enquanto que os comportamentos *positivos* passam a ter dominância sobre o sujeito, não apenas por um desejo e ideal de si, mas como uma forma de alcançar uma demanda própria de um Outro. Práticas referentes à medicamentação dos processos em saúde, aqui relacionadas ao campo psíquico.

Assim, Alonso (2012) adverte que, em um circuito fechado de produção subjetiva, “os psicofármacos - antidepressivos, ansiolíticos, metanfetaminas, etc. - são aqui os principais protagonistas com sua forma insidiosa, inadvertida, de provocar mudanças profundas no mais íntimo, humano, do ser”.

O autor sinaliza que a sua análise não vai de encontro às práticas terapêuticas no uso de psicofármacos, mas sim àquelas de uma ordem *cosmética*,

como que associada a fatores estéticos, sem necessidades abarcadas por questões de saúde, mas sim por de performances. Para tal uso, é elaborado um conceito que articula campos de saberes de perspectivas organicistas, como o saber médico, neurocientífico, biomédico, com uma noção de indivíduos sem enfermidades psíquicas: a *medicalização da normalidade*. Aqui, não procura-se se ater às discussões do que é considerado normal, que poderia implicar em uma lógica binária ao campo de saúde mental entre o que é normal e anormal, como se existisse algo fora da norma em relação a outras formas de expressão subjetiva que não aquela dita saudável. Mas sim compreender a profundidade do conceito, que elabora sobre o que vem sendo apontado até então. “A progressiva medicalização da normalidade, especialmente no âmbito da saúde mental, representa a substituição do modo natural em que o ser humano se relaciona com a realidade, por outro de caráter químico e sentimental” (ALONSO, 2012, tradução autoral).

Tecendo associações entre o construto de tecnologias que evidenciem o *positivo*, o que é tido como um objetivo final na produção de corpos aprimorados, é feita uma relação com uma perspectiva de futuro pós-humano. Nesse cenário, trazido como um produto do que o mercado psicofarmacológico coloca em circulação, as questões existenciais, geradoras de mistérios sobre a vida e de conflitos sobre o que a circunda, e que acompanham os sujeitos, seriam facilmente dissolvidas, dando lugar a um certo ideal de felicidade. “Cobram protagonismo, nesse contexto, uma tecnologia que facilita a aparição das emoções positivas ou, ao menos, a desaparecimento das negativas. *O que eu realmente quero é esse frasco de pastilhas da felicidade.*” (ALONSO, 2012, tradução autoral). Algo que poderia acarretar em alterações na maneira como nos relacionamos com a realidade, com afetos e sentimentos, colocando o sujeito em constante busca daquilo que dá prazer instantâneo, assim como aponta o discurso capitalista esquematizado por Lacan.

Ao longo do estudo, o autor também aponta para o surgimento de uma nova espécie de seres, associados aos transhumanos. Utiliza uma perspectiva eugenista, que aborda os ideais de apagamentos de raças para o surgimento de outras consideradas mais *aptas*, para avaliar o plano de ação do que é buscado com o aprimoramento cognitivo. Em contraste a outras modalidades de aprimoramento do corpo, essa é uma que atua em aspectos subjetivos muito próprios do que constitui um sujeito inconsciente, como sua forma de compreensão do mundo e da cultura, de dúvidas sobre a própria existência, com questionamos éticos, estéticos e morais

sobre aquilo pelo qual é circundado e constituído simbolicamente. A eugenia se dá na eliminação daqueles que não se adequam a essa norma, algo que pode ser representado na operação neoliberal de gerenciamento econômico, ao destituir o trabalho do indivíduo que não acompanha a demanda. E, dado que o aprimoramento e uso de psicofármacos também possui uma conotação de vontade própria, de um desejo do sujeito que almeja um ideal, faz-se valer uma noção de uma *autoeugenia*, na qual eliminar em si próprio o alguém que não se quer, na busca de alguém *melhor*. Assim, afirma sobre a cascada da medicalização e medicamentação através da psicofarmacologia:

“Em primeiro lugar, [um fator] relacionado com a economia de meios. É mais fácil tomar uma pastilha do que deixar um trabalho gerador de sofrimento ou um hábito nocivo para um mesmo ou para os demais. [...] O segundo fator é relacionado com o pessimismo com que certas correntes pós modernas concebem o papel do racional. O transhumanismo é um bom exemplo: a perseguição da verdade, o bem ou a beleza são tomados como absurdos ou impossíveis para razão instrumental que pode, unicamente, estabelecer convenções.” (ALONSO, 2012, tradução autoral).

Galliano (2019), ao elaborar uma discussão sobre as perspectivas transhumanistas, traz considerações sobre o ideal transhumano: “O transhumanismo procura aperfeiçoar a inteligência desacoplada da sensibilidade, entendida como debilidade”. Dada essa afirmativa, se criaria uma nova forma de ser racional, dissociado das emoções, algo próximo do que a operação discursiva capitalista e o neoliberalismo catalisam com a positividade exacerbada, que gere indivíduos para o consumo e produção constante, a estarem sempre operando racionalmente e apaziguando as emoções com dispositivos. Nesse caso, poderia se pensar nos psicofármacos como intermediadores na busca por esse ideal de eu do Outro contemporâneo, estruturado no capitalismo.

A partir do momento em que se busca uma aproximação com um ser desprovido de emoções, uma atuação técnica sobre o que é colocado como negativo do indivíduo, mas que é próprio da sua qualidade do que faz ser humano, entra-se na constante manipulação do que alguns apontam advir de uma *natureza*, e assim implica-se adentrar em um campo de aprimoramento para além do terapêutico (GALIANO, 2019).

Domínguez (2016) vai além, e afirma que as correntes de incentivo ao aprimoramento são de ordem transhumana, algo que poderia se correlacionar com o surgimento de um paradigma ocidental (GALIANO, 2019), atravessado pelo

capitalismo, que busca o sujeito produtor maquínico do neoliberalismo, e cujo um dos meios para se alcançá-lo seria através de psicofármacos. Assim, a autora adverte para o risco da medicamentação de todas as formas de vida, para além daquilo que já é constatado em ambientes de saúde, trazendo a consideração do que já ocorre no meio acadêmico, o uso de estimulantes como forma de se alcançar *melhores e mais* resultados e produções.

“Foram realizados estudos em diversos ambientes acadêmicos, que confirmam a tendência atual da medicalização da vida cotidiana, associada ao consumo desses potenciadores como um fenômeno sociocultural, e igualmente se investigou o abuso no consumo de psicotrópicos como uma forma de dopagem mental a qual recorrem com frequência os estudantes universitários, muito similar ao que se observa com os atletas de alto rendimento, mas com o fim de incrementar a concentração, o estado de alerta e, por suposto, o desempenho ou performance acadêmico. Constituindo-se, assim, uma situação de desigualdade e ilegalidade, pelos possíveis benefícios que obteriam essas pessoas frente aos seus semelhantes, no seu desempenho, seja no meio acadêmico ou no laboral” (DOMÍNGUEZ, 2016, tradução autoral).

Essas colocações também surgem no trabalho de Dubljević e Ryan (2015), no qual os autores discutem a implicação da disseminação no uso de psicofármacos em ambientes acadêmicos e, futuramente como uma consequência da flexibilização no uso por aprimoramento, de trabalho. É trazido que, atualmente, já existe um uso corriqueiro como forma de alcançar posições de vantagem em meios que demandam resultados. É o caso do uso em avaliações para se adentrar em espaços de estudo, por exemplo, como vestibulares ou concursos.

Como trazido no tópico sobre os efeitos, ainda é pouco conhecido os efeitos a longo prazo no uso corriqueiro de psicofármacos com o intuito de aprimoramento cognitivo. A questão é que, quando ocorre o uso no meio universitário dessa forma, sem conhecimento dos riscos, se assume uma posição de colocar-se à prova do que pode advir, para estar em uma posição de vantagem sobre uma determinada demanda, algo que não seria compartilhado por todos e poderia, então, induzir a um uso generalizado como tentativa de gerar igualdade (DUBLJEVIĆ E RYAN, 2015). Algo similar poderia ocorrer em ambientes de trabalho.

“Similarmente, empregados em diferentes linhas de trabalho poderiam necessitar, ou acreditar que necessitam, usar potencializadores cognitivos para segurar os seus empregos. Empregadores poderiam coagi-los (mesmo que indiretamente) a fim de maximizar o lucro. Nesse cenário, empregados carregariam o peso dos riscos dos efeitos de longo-prazo sem nenhuma oportunidade real de recusar fazê-lo. No longo-prazo, a pressão competitiva e o contágio poderia iniciar afetando a estrutura básica da sociedade,

levando a um aumento contínuo no número de usuários de aprimoradores cognitivos” (DUBLJEVIĆ e RYAN, 2015, tradução autoral).

Claro, tais afirmativas representam hipóteses sobre um futuro que seria marcado pelo crescente paradigma técnico da medicalização e, conseqüentemente, da medicamentação. Como foi elaborado até então, é possível se concretizar tal perspectiva teórica, dado que, em um contexto neoliberal capitalista de estrutura das relações trabalhistas, a competição e individualidade ganham concretude, reforçam significantes culturais da máxima produção. O adoecimento de trabalhadores por excesso de carga já é algo da contemporaneidade (FERNANDES, SILVA, IBIAPINA E SILVA, 2018). E o reforçamento da medicamentação como um paradigma técnico crescente, pode reforçar a noção de cura para o indivíduo adoecido, de que pode-se mais e melhor, independente da demanda. O que pode constituir uma via contrária a da busca por espaços terapêuticos e de escuta, que auxiliem o sujeito do desejo emergir deparado com as suas faltas, assim como com as do Outro.

5.2.4 CONCEITO DE *WISH-FULFILLING-MEDICINE*

Neste tópico procura-se abordar um conceito elaborado pela autora Alena Buyx (2008). Ele surge como via de delineamento de uma borda, de sugerir uma concepção de práticas médicas que se orientam para a garantia de desejos que emergem nas clínicas e instituições de saúde. Assim, a autora coloca em questão que, atualmente, existem debates no campo ético da medicina, assim como o filosófico, sobre quais os limites, as fronteiras entre uma prática medicinal guiada pelo tratamento terapêutico e aquelas que buscam atender a uma demanda de ordem mais aproximada de uma estética. Para tal abordagem, exemplifica procedimentos, como cirurgias de implantes no corpo a fim de alterar uma determinada aparência, tratamentos contra o envelhecimento, suicídio assistido, ou eutanásia, e a psicofarmacologia cosmética, campo que interessa a esse estudo dadas suas implicações na saúde mental. Em relação ao último, novamente é associado o termo cosmético ao campo de estudo dos psicofármacos, trazendo uma associação a algo que é da ordem de uma estética imaginária, de um ideal que deseja-se alcançar. Então, define-se o termo como um “desejo por melhor foco e desempenho no trabalho/ na escola; desejo por melhores habilidades sociais e

autoconfiança; desejo por menos necessidade de sono e maior desempenho no trabalho” (BUYX, 2008).

O termo *wish-fulfilling-medicine* (tradução aproximada: *medicina realizadora de desejos*), então, busca aproximar-se de uma definição aos casos clínicos em que o paciente ou um usuário de serviços de saúde colocam suas demandas sobre o procedimento a ser realizado, sem apresentarem sintomas relacionados a condições de saúde. Claro, faz-se a ressalva sobre a dificuldade de se delinear tais processos, devido ao fato de que, em alguma medida, eles podem gerar um aumento na qualidade de vida ao permitirem uma aproximação com um ideal de eu. Não há uma delimitação concisa do que determina uma prática específica de saúde, visto que relatos de procedimentos podem apresentar, na qualidade do que é dito, pistas que apontam para melhoras nas condições de vida.

Dubljević e Ryan (2015) também abordam essa problemática ao pesquisarem sobre o aprimoramento cognitivo e os psicofármacos. Os autores elaboram que, com o desenvolvimento de tecnologias genéticas e da neurociência, e o surgimento dos dispositivos de aprimoramento, surgiu a emergência do debate sobre quais as fronteiras entre os procedimentos terapêuticos e aqueles com o objetivo de suprir uma necessidade por realçamento das qualidades humanas por demandas de ideais.

Algo que pode indicar uma medicina realizadora de desejos seria o fato de que, desde o começo dos atendimentos e processos medicinais, quem guia o procedimento adotado é a pessoa que busca o serviço, o que poderia indicar uma relação mercadológica de saúde, na qual se busca a melhor maneira de se ofertar um produto às demandas de um cliente. Uma questão a ser levantada é a de que, dentre as estruturas que sustentam o capitalismo encontra-se, justamente, a geração de demandas pelas relações públicas na oferta de produtos. Ou seja, há de se fazer apontamentos sobre como os cuidados em saúde podem acabar se enquadrando em uma lógica mercantil, ao atender a demandas de sujeitos que buscam alcançar determinados ideais fortificados em significantes culturais disseminados com o objetivo de geração de lucro e valorização de produtos. Observam-se corpos constantemente associados a imagens de beleza, personalidades colocadas em patamares superiores de comportamentos por conta da autoconfiança que estruturam suas ações, e trabalhadores alçados ao pedestal de máquinas imparáveis, que trabalham enquanto outros dormem, que empreendem

embasados em sua individualidade confiante e que atravessam obstáculos onde outros sucumbiriam.

“[...] preocupações similares se aplicam, por exemplo, à questão de se os sintomas do envelhecimento deveriam ser considerados fatos normais da vida ou como parte de uma doença, e para a questão se o uso da psicofarmacologia para superar uma timidez pode ser considerada como uma forma de aprimoramento. [...] O mesmo vale para outros procedimentos de *realização de desejos* menos controversos: intervenções de cosméticos dermatológicos (injeções de *botox*, dermoabrasão) que buscam uma pele jovem e livre de rugas para equiparar a um certo conceito de beleza predominante na nossa sociedade.” (BUYX, 2008).

Outro ponto a se destacar é o de que a autora aborda a questão sobre o que poderia motivar o desejo de uma pessoa na busca por tais procedimentos. Busca-se tensionar o que se entende por uma demanda por procedimentos medicinais, se esse desejo teria uma força autônoma ou se estaria enviesado por outras questões além da clínica ou dos serviços de saúde (BUYX, 2008), como abordado acima. Assim, faz-se a relação com as considerações feitas no tópico anterior e os enlaces do projeto com o conceito operações discursivas, especificamente o do capitalista.

Como teorizado por Lacan, a operação discursiva na contemporaneidade capitalista sofreria a torsão nas posições da *verdade* e do *agente*, provocando um endereçamento do objeto (a) produzido pelo outro (S2) à verdade (\$). O sujeito barrado, no caso o empregador mestre capitalista, emerge em significante (S1) que traz as marcas do valor do empregado (S2), e cuja sua produção (a) demarca esse valor endereçado ao sujeito da verdade (\$), colocando-o em constante produção a fim de valorizar-se. Como elaborado, os próprios psicofármacos poderiam se encaixar nesse sistema de constante valorização e que não opera na produção de laços sociais, ao representar para o sujeito uma valorização do seu trabalho e do que acaba por ser a produção endereçada ao mestre, e que permite-o continuar operando em um discurso que é determinante do seu subsídio, do seu valor, também, para o Outro.

Então, procura-se enlaçar tais teorias com o conceito de *wish-fulfilling-medicine*, a partir da posição que a medicina realizadora de desejos pode ocupar nessa operação, ao ofertar e assegurar ao sujeito barrado, à verdade, aquilo que seriam os meios de se manter na operação, de assegurar uma posição no discurso.

6 CONSIDERAÇÕES

Sobre a busca e os resultados quantitativos da primeira etapa de pesquisa, referente à tabela, conclui-se que houve poucos achados relacionados à temática no meio acadêmico, com relevância para o Brasil, país com 4 estudos levantados. Também faz-se o apontamento para os campos do conhecimento de onde os pesquisadores advêm, cuja prevalência se deu para a Sociologia, Filosofia e Antropologia. Na Psicologia, e especialmente na Psicanálise, não foram encontrados muitos trabalhos, a não ser os de viés neurocientífico.

Sobre a etapa da revisão e aprofundamento das discussões, considera-se a incidência dos psicofármacos como ferramentas de aprimoramento. Esse processo pode corresponder a uma perspectiva estética na produção de ideais contemporâneos, dado que o sujeito transformado em indivíduo busca potencializar suas características a fim de que a sua produção corresponda a uma demanda Outra. Tais incidências nos espaços acadêmicos e de trabalho podem provocar uma diluição na aceitação do uso dessas drogas farmacêuticas, algo que poderia acarretar em um incremento no processo de medicamentação.

Outro ponto a ser considerado é referente ao fato de que a prescrição psiquiátrica de psicofármacos vem sendo tomada como um eixo central de cuidados em saúde mental. Tal fato pode levar à conclusão de que há uma substituição, ou uma preferência pela busca desses espaços e dispositivos em relação aos de escuta e processos terapêuticos mais prolongados. Algo que leva a hipóteses sobre não ser apenas uma questão do uso de psicofármacos para aprimoramento, mas a verticalização da saúde mental como um todo em torno dessa ferramenta. O que leva ao apontamento de que medicamentos fazem parte de uma circulação de mercado e estão inseridos nessa lógica de produção e venda, oferta e demanda, o que leva à necessidade de pensá-los para além do seu uso terapêutico, mas como um produto do capitalismo a ser consumido e vendido a fim de que a indústria siga em funcionamento, assim como ocorre com os *gadgets*. Na lógica do mercado, precisa-se atribuir valor constante à mercadoria, assim atribui-se um valor de troca a ela e aumenta-se o lucro obtido com a sua comercialização. Tais fatores levam a hipóteses sobre qual o papel do processo de medicamentação para a indústria farmacêutica, em constante crescimento econômico.

Faz-se a consideração, também, de que as relações trabalhistas ocidentais são atravessadas e estruturadas por diversas relações de opressão, tais como as raciais. Como indicado no início desta escrita, dada a abordagem inicial da pesquisa nesse campo e a aproximação incipiente com a temática, foi necessário se utilizar de um enquadre específico de sujeito, correspondente a um trabalhador em vias de produzir.

Dadas as considerações acima, ressalta-se a importância deste estudo, que se propõe a se aproximar de um sujeito inconsciente contemporâneo em relação com o discurso capitalista, e compreender como essa operação pode inferir a uma fetichização dos psicofármacos, tomados como mercadorias potencializadoras de um eu em transmutação com a tecnologia, assim como ocorre com o corpo transhumano.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Luis E. Echarte. **NEUROCOSMÉTICA, TRANSHUMANISMO Y MATERIALISMO ELIMINATIVO: HACIA NUEVAS FORMAS DE EUGENESIA**. Cuad. Bioét., n. 23, p. 37-51, 2012.
- ANDRADE, Daniel Pereira. **O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais**. Revista Sociedade e Estado, v. 34, n.1, p. 211-239, 2019.
- BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. **O discurso capitalista e seus gadgets**. Trivium: Estudos Interdisciplinares, v. 10, n. 2, p. 140-154, 2018.
- BELK, Russell. **Machines and Artificial Intelligence**. Journal of Marketing Behavior, n. 4, p. 11-30, 2019.
- BEZERRA, Indara Cavalcante. et al. **“Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá”: processo de medicamentação e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária**. Interface Comunicação Saúde Educação, v. 18, n. 48, p. 61-74, 2014.
- BUYX, Alena M. **Be careful what you wish for? Theoretical and ethical aspects of wish-fulfilling medicine**. Med. Health Care and Philos, n. 11, p. 133-143, 2008.
- DOMÍNGUEZ, Gloria Inés Martínez. **EL MEJORAMIENTO MENTAL: ¿NUEVO OBJETIVO DE LA PSICOFARMACOLOGÍA? UNA MIRADA DESDE LA BIOÉTICA**. Escritos, v. 24, n. 53, p. 293-306, 2016.
- DUBLJEVIĆ, Veljko; RYAN, Christopher James. **Cognitive enhancement with methylphenidate and modafinil: conceptual advances and societal implications**. Neuroscience and Neuroeconomics, n.4, p. 25-33, 2015.
- FAVERO, Sofia. **Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato**. Bagoas, n. 20, p. 169-197, 2019.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA. 2008 (Original publicado em 1952).
- FREUD, S. **Análisis terminable e interminable**. In: FREUD, S. Obras Completas. V. 19. São Paulo, Companhia das Letras. 2018 (Original publicado em 1937).
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na Civilização**. In: FREUD, S. Obras Completas. V. 18. São Paulo, Companhia das Letras. 2010 (Original publicado em 1930). p. 13-122.
- FREUD, Sigmund. **Prólogo à juventude desamparada de August Aichhorn**. In: FREUD, S. Obras Completas. V. 16. São Paulo, Companhia das Letras. 2011 (Original publicado em 1925).

GALLIANO, Alejandro. **¿Hacia un futuro transhumano?**. Nueva Sociedad, n. 283, p. 82-94, 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Unidade 2 – A pesquisa científica**. In: Métodos de Pesquisa. 2009. p. 31-42.

KICKHÖFEL, Eduardo Henrique Peirueque. **A lição de anatomia de Andreas Vesalius e a ciência moderna**. Scientiae Studia, v. 1, n. 3, p. 389-404, 2003.

KOSFELD, Michael; et al. 2005. **Oxytocin Increases Trust in Humans**. Nature, n. 435, p. 673-76, 2005.

LACAN, J. **Conferência na Universidade de Milão**. 1972. Disponível em: <<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/italie.htm>>.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar. 1992 (Original publicado em 1969-1970).

LOWENKRON, Theodor; VIDAL, Manola; HASSENE, Danielle; CRUZ, Ana Cristina Ebrenz da. **Psicoterapia e psicofarmacoterapia combinadas a partir de um caso clínico**. Rev. bras. psicoter, v. 9, n. 2, p. 222-237, 2007.

LUSTOZA, R. Z. **O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social**. Ágora, v. 12, n. 1, p. 41-52, 2009.

MEDEIROS, Roberto Henrique Amorim; MANO, Gustavo Caetano de; WEIMANN, Amadeu de Oliveira. **A paixão pelo autônomo: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia**. Physis, Revista de Saúde Coletiva, v. 25, n. 1, p. 251-263, 2015.

MORENO, Ricardo Alberto; MORENO, Doris Hupfeld; SOARES, Márcia Britto de Macedo. **Psicofarmacologia de antidepressivos**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 21, p. 24-40, 1999.

NEVES, Antonio; et al. **A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si**. In: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte, Autêntica. 2021. p. 125-176.

NOBLE, Helen; SMITH, Joanna. **Reviewing the literature: choosing a review design** [Editorial]. Evid Based Nurs., v. 21, n. 2, p. 39-41, 2018.

OUZZANI, Mourad; HAMMADY, Hossam; FEDOROWICZ, Zbys; ELMAGARMID, Ahmed. **Rayyan: a web and mobile app for systematic reviews**. Systematic Reviews, v. 5, n. 1, 2016.

PIMENTA, Amanda Maria Marques; ARAÚJO, José Newton Garcia de. **O que pode o trabalhador num modelo de gestão neoliberal?**. Psicologia em Revista, v. 24, n.3, p. 930-946, 2018.

REPANTIS, Dimitris; SCHLATTMANN, Peter; LAISNEY, Oona; HEUSER, Isabella. **Modafinil and methylphenidate for neuroenhancement in healthy individuals: a systematic review**. *Pharmacol Res.*, v. 62, n. 3, p. 187-206, 2010.

ROSA, Barbara Paraiso Garcia Duarte da; WINOGRAD, Monah. **Palavras e pílulas: sobre a medicalização do mal-estar psíquico na atualidade**. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. spe, p. 37-44, 2011.

SAFATLE, Vladimir. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral**. In: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica. 2021. p. 17-47.

SAVULESCO, Julian; PERSSON, Ingmar. **Moral Enhancement, Freedom, and the God Machine**. *The Monist Neuroethics*, v. 95, n. 3, p. 399-421, 2012.

SILVA, Daniel Pereira da; et al. **Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade**. In: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica. 2021. p. 77-124.

SILVEIRA, Lia Carneiro; ALMEIDA, Arisa Nara; CARRILHO, Camila. **Os benzodiazepínicos na ordem dos discursos: de objeto da ciência a objeto gadget do capitalismo**. *Saúde Soc.*, v. 28, n. 1, p. 107-120, 2019.

SULZER, David; SONNERS, Mark S.; POULSEN, Nathan W.; GALLI, Aurelio. **Mechanisms of neurotransmitter release by amphetamines: A review**. *Progress in Neurobiology*, v. 75, n. 6, p. 406-433, 2005.

TOMSIC, Samo. **The capitalista Unconscious: a return to Freud**. In: *The Capitalis Unconscious*. 2015. p. 79-149.

VIEIRA, Fabiola Sulpino; SANTOS, Maria Angelica Borges dos. **Setor Farmacêutico no Brasil**. In: *Texto para Discussão - O setor farmacêutico no Brasil sob as lentes da conta-satélite de saúde*. Ipea. 2020. p. 14-52.

APÊNDICE A – TABELA DA PRIMEIRA ETAPA

Título, autor, ano, país (língua)	Área temática	Campo do conhecimento	Conceitos
A "MORTE" DO HUMANO COMO O "FIM" DA SOCIEDADE: uma nova lógica de dominação na modernidade?; Marcos Lacerda. 2014, Brasil (Português).	Aborda o pós e o transhumanismo na contemporaneidade, interrogando se os efeitos da mutação da sociedade no mundo contemporâneo estão submetidos aos processos de dilatação das formas de dominação do capitalismo.	Ciências sociais; Sociologia; Antropologia; Biociências; Biotecnologia.	"Morte do Humano", em referência à "morte do homem", de Foucault (2002) e Derrida (1991).
A Marxist Transhumanism?; Santiago Javier Armesilla Conde. 2021, Argentina (Espanhol).	Aborda o transhumanismo a partir das teorias marxistas. Há a sugestão de um futuro transhumanista guiado pelas ideias de Marx, em contrapartida ao atual modelo caracterizado como individualista e pró-capitalista. Procura descrever o transhumanismo e uma noção de transcapitalismo, analisando suas influências, e direcionando a discussão para uma perspectiva marxista de transhumanismo.	Filosofia	New Men ou Men Made In Property, uma noção marxista do ser humano pós-revolução comunista, o qual texto equívale a uma ideia de poshumano. Proto-transhumanism, equivalendo a discussões prévias ao transhumanismo, nas quais teorias sociológicas e antropológicas já traziam a noção de um humano transformado pelo tempo e tecnologia. Materialism, conceito marxista que coloca a humanidade como uma consequência da sua produção material.
Allen Life: Marx and the Future of the Human; Glenn Rikowski. 2003, Holanda (Inglês).	Aborda as perspectivas poshumanas e transhumanas com um olhar crítico a esses ideais de futuro, fazendo um apontamento de que a humanidade, no contexto capitalista, já está em um período não-humano. Afirma, à luz das teorias marxistas, que o humano contemporâneo se tornou capital.	Filosofia; Sociologia; Antropologia	Capital, trazida como uma força "alienígena" que já opera transformações na noção de ser humano no mundo capitalista. Capitalised-life-forms, referente à poshumanidade, quando o que é da ordem qualitativa do ser já tenha sido capitalizada e transformada em valor.
Amaritya Sen's Capabilities Approach: Resistance and Transformative Power in the Age of Transhumanism; I Sill Yoon. 2021, Coreia do Sul (Inglês).	Análisa o advento da tecnologia como um possível catalisador das desigualdades econômicas e materiais. Tecendo críticas às perspectivas de futuro transhumanistas, avalia os efeitos adversos da inteligência artificial e da amplificação da inteligência, procurando descrever como elas podem servir para criar uma divisão entre as pessoas com acesso a essas tecnologias e as sem acesso. Se utiliza da Amartya Sen's Capabilities Approach, para explorar essa teoria.	Sociologia; Economia	Sen's Capabilities Approach, uma ferramenta teórica de avaliação das capacidades de um ser humano em escolher alcançar um estado de bem-estar a partir das bases materiais a que se tem acesso.
Antropología de la obsolescencia humana. Hiperconsumo, tecnología y velocidad mercantil; Jorge Polo Blanco. 2017, Ecuador (Espanhol).	Traz o capitalismo contemporâneo, no qual o advento da tecnologia, aliada ao mercantilismo e à criação de demanda por consumo, surge como um substituto ao que é humano.	Filosofia; Psicossociologia; Antropologia	Tecnofilia, que aborda a tecnologia e a velocidade mercantil do seu advento como um feitiço da sociedade contemporânea. Obsolescencia humana, que elucida a substituição do ser humano pelo que é autômato e maquínico.
Be careful what you wish for? Theoretical and ethical aspects of wish-fulfilling medicine; Alena M. Buyx. 2007, Alemanha (Inglês).	Aborda a área da medicina, a partir de práticas de cuidado direcionadas para a satisfação de desejos dos sujeitos que buscam aprimoramentos estéticos, cognitivos, de trabalho, dentre outros. Procura direcionar a análise a um ponto ético desses tratamentos.	Saúde; Medicina; Filosofia médica	Wish-fulfilling medicine, como o conceito que teoriza o fenômeno da prática de satisfação dos desejos de pacientes na medicina.
Beyond the Boundaries of Current Human Nature: Some Theological and Ethical Reflections on Transhumanism; James M. Childs, Jr. Estados Unidos (Inglês).	Procura elaborar sobre a perspectiva transhumanista de futuro, a partir de uma visão ética a respeito do uso da tecnologia enquanto dispositivos de controle e de cuidado, inclusive no campo biomédico, colocando em questão o uso da tecnologia para terapia em contrapartida aos aprimoramentos.	Teologia; Ética; Biomedicina	Comprometimentos comuns, relacionando conceitos comunitários de justiça, vida, cuidados, à discussão de como as mudanças geradas pela tecnologia podem ser guiadas eticamente.

<p>Corbira: "All-Human", "All-Too-Human", "All-Too-Transhuman", Jof P. N. Bradley, 2018. Japão (inglês).</p>	<p>Elabora sobre a transmutação da sociedade sob uma perspectiva cerebral, na qual as evoluções do humano estariam articuladas e fundadas na unificação de serviços de inteligência do mundo, gerando um macro cérebro.</p>	<p>Filosofia; Antropologia</p>	<p>World-brain, como um significante da rede massiva de trocas de dados e informações, gerando uma unidade tecnológica e pensante. All-human, conceito de H. G. Wells para denominar a sociedade moderna. All-Too-Human, referente à sociedade contemporânea neoliberal. All-Too-Transhuman, simbolizando a humanidade cibernética. Control Society, conceito de Deleuze para identificar as formas de controle na contemporaneidade. Worldwresiness, referente a um estado de anestesia de uma sociedade voltada exclusivamente ao que é da ordem do cognitivo.</p>
<p>Cognitive biases can affect moral intuitions about cognitive enhancement. Lucas Caviola, Adriano Mannino, Julian Savulescu e Nadira Faulmüller. 2014. Inglaterra (inglês).</p>	<p>Procura abordar a área do aprimoramento cognitivo a partir de uma avaliação de quais são os perigosos, que estão fundando o julgamento da comunidade científica sobre essa prática, sugerindo que abordagens comuns sobre o aprimoramento são predominantemente negativas, em contraste às científicas e racionais.</p>	<p>Neurociência; Neurociência</p>	<p>Cognitive enhancement, que aborda o uso da tecnologia para aprimoramento de funções cognitivas, como velocidade de raciocínio, memória, atenção.</p>
<p>Cognitive enhancement with methylphenidate and modafinil: conceptual advances and societal implications. Vellojo Dubljevic e Christopher James Ryan. 2015. Canadá (inglês).</p>	<p>Aborda o uso dos psicofármacos metilfenidato e modafinil para o aprimoramento cerebral, a partir da análise da eficácia e efeitos adversos dos medicamentos. Também faz uma análise de discussão em torno do uso dos fármacos por pessoas consideradas saudáveis, como forma de aprimorar mecanismos cognitivos.</p>	<p>Neurociência; Neurociência; Medicina; Psicofarmacologia</p>	<p>Cognitive enhancement, que aborda o uso da tecnologia para aprimoramento de funções cognitivas, como velocidade de raciocínio, memória, atenção.</p>
<p>Consideraciones Bioéticas Y Biopolíticas Acerca del Transhumanismo. El Debate en torno a una Posible Experiencia Posthumana. Raúl Villarreal. 2015. Chile (Espanhol).</p>	<p>Análise do idealismo transhumanista a partir de uma visão bioética e biopolítica, levando em consideração o controle dos corpos e como o vórtice advento da tecnologia e a transmutação do humano pode ser atravessado por formas de governo neoliberal na contemporaneidade capitalista.</p>	<p>Filosofia; Antropologia</p>	<p>Bioético, que elabora sobre os princípios éticos que regem a religião do ser humano com as formas de vida. Biopolítica, e a perspectiva de análise das formas de poder e controle político sobre a vida.</p>
<p>Consumed by el otro Lado: Alterations of the Neoliberal Self in Sleep Dealer. Ande Davis. 2019. Estados Unidos (inglês).</p>	<p>Se utiliza do filme Sleep Dealer (2006), de Alex Rivera, para analisar um self neoliberal. Busca uma ontologia Latino, e analisa as transformações que os personagens do filme realizam em seus corpos, atravessando esse comportamento pelo contexto econômico e político em que estão inseridos.</p>	<p>Artes Cênicas; Sociologia; Filosofia</p>	<p>Self, conceito que simboliza um entendimento de personalidade intrapsíquica. Science Fiction, gênero que aborda realidades fictícias em contextos relacionados a mundos futuristas, tecnológicos, focado em transformações científicas. Latrix e Chicana, denominações de gêneros neutros dado a estados-uidentes de origens latinas e mexicanas.</p>
<p>Critical Transhumanist Aesthetics? The Automatic Subject. Actress and Young Paint. Jens Schroter. 2021. Alemanha (inglês).</p>	<p>Elabora uma discussão sobre transhumanismo sob a luz do Matritismo, ao explorar a ideia de que os sujeitos no capitalismo são objetos de valor no movimento do capital. Com essa atuação, adentra no campo do transhumanismo trazendo questões éticas e questionamentos sobre o sujeito idealizado ser automatizado pela tecnologia ou produzir um efeito de ruptura.</p>	<p>Sociologia; Antropologia; Política econômica</p>	<p>Automation, que condiz com uma ideia de um sujeito automático, se utilizando do Fordismo, Formalismo Russo e psicanálise para pensar o surgimento desse vés desde o começo do século XX. Valor, o "sujeito automático da sociedade", como aborda a dica marxista.</p>

<p>Cyborgs, Robots and Society: Implications for the Future of Society from Human Enhancement with In-The-Body Technologies. Stephen Fox. 2018. Finlândia (Inglês)</p>	<p>Aborda sobre as problematizações que se fazem a respeito do advento dos robôs ou substitutos dos seres humanos, trazendo uma contrapartida de que deve-se levar mais em conta o surgimento dos cyborgs, que seriam superiores em capacidade. Avalia o futuro transhumanista a partir dessa ótica.</p>	<p>Ciência e Tecnologia; Antropologia</p>	<p>Cyborgs, descritos como seres humanos com altas transformações corporais a partir da mescla do orgânico à tecnologia. <i>In-the-body technologie</i>, se refere às tecnologias utilizadas para aprimoramento do corpo.</p>
<p>Da Centralidade Política à Centralidade do Corpo Transumano: Movimentos da Terceira Virada Distópica na Literatura. Eduardo Marks de Marques. 2014. Brasil (Português).</p>	<p>Aborda o poshumanismo e o transhumanismo, analisando as mudanças ensaiadas para a noção de humano pela perspectiva de um desejo criado pelo capitalismo tardio. Para isso, se utiliza da literatura de língua inglesa do século XX, propondo, inclusive, uma terceira virada distópica na literatura.</p>	<p>Literatura; Sociologia</p>	<p>Capitalismo Tardio, referente à contemporaneidade e o atual estágio do fluxo de capital no mundo.</p>
<p>Devenir discapacitado: nuevos monstruos, cyborgs y desplazados en el capitalismo contemporáneo. María Mercedes Zerega, Carlos Turiñen Román e Héctor Bujanda. Ecuador (Espanhol).</p>	<p>Aborda o conceito de deficiência, analisando os efeitos que os discursos transhumanistas, da sociedade de rendimento, e as catástrofes sociais deixam sobre os corpos vulneráveis.</p>	<p>Sociologia; Medicina</p>	<p>Discapacidade, sobre o conceito de deficiência, abordando o enfoque médico da cura, do social que coloca o conceito como um estigma, e o enfoque crip, trazido como movimento que propõe a desconstrução de categorias binárias que organizam o discurso de normalidade.</p>
<p>El hombre tecnológico como fetiche de la modernidad ampliada. Acuerdos y desacuerdos con la posmodernidad como resistencia de Jesús Ballesteros. José Antonio Santos. 2017. Colombia (Espanhol).</p>	<p>Procura assinalar que vivemos em um mundo hipertecnológico, e aborda como o individualismo capitalista pode ter servido para criar a imagem de humano tecnológico em decadência, relacionando com uma noção transhumanista de sociedade.</p>	<p>Biociologia; Sociologia</p>	<p>Posmodernidad, aliada a uma noção de resistência de Jesús Ballesteros, que procura elucidar uma contemporaneidade e um futuro em que se luta contra formas de injustiça.</p>
<p>El Mejoramiento Mental: ¿Nuevo Objeto de la Psicofarmacología? Una mirada desde la Bioética. Gloria Inés Martínez Domínguez. 2016. Colombia (Espanhol).</p>	<p>Procura investigar, a partir da bioética, o valor social dos atuais estudos em psicofarmacologia. Aborda o fato de que há um crescente número de estudos sobre os efeitos de psicofármacos no aprimoramento cognitivo de sujeitos sem um diagnóstico de transtorno mental, com o objetivo de auxiliar no trabalho, estudos, ou desempenho de funções.</p>	<p>Neurociências; Psicofarmacologia; Ética</p>	<p>Bioética, que elabora sobre os princípios éticos que regem a relação do ser humano com as formas de vida. <i>Mejoramiento Mental</i>, analogo ao conceito de aprimoramento cognitivo, elabora sobre o uso de tecnologia para potencializar funções psíquicas.</p>
<p>El transhumanismo a la luz de la antropología filosófica. Julián P. Natucci Corrazo. 2020. Espanha (Espanhol).</p>	<p>Procura abordar os ideais transhumanistas, as concepções de tecnologia e de ser humano, sob um prisma crítico, em que afirma que não há mudança de paradigma nessa perspectiva futurista, que ainda estão presentes as mesmas concepções Modernas de ser humano.</p>	<p>Metafísica; Filosofia; Antropologia</p>	<p>Homo Faber, referente ao conceito de um humano operacional e do trabalho.</p>
<p>Enhancing genetic virtue: A project for twenty-first century humanity?. Mark Walker. 2009. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>Busca compreender a discussão em torno da ética de pesquisas sobre o Genetic Virtue Project, e o aprimoramento comportamental humano a partir do uso de tecnologia genética.</p>	<p>Neurociência; Política</p>	<p>Genetic Virtue Project (GVP), corresponde à busca da descoberta e aprimoramento ético do ser humano a partir da biotecnologia genética e a correlação com comportamentos considerados virtuosos.</p>
<p>Everything is old now: A-temporal experiences of the digital in a rural farming co-operative. Joseph R. Tulasiewicz e Ellen Forsman. 2022. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>Argumenta que a experiência temporal da era digital é direcionada para uma atemporalidade, mais que um aceleramento. Se utiliza de uma comunidade rural e a relação desta com os equipamentos digitais.</p>	<p>Sociologia; Antropologia</p>	<p>A-temporality, conceito de Mark Fischer que denota uma alienação da noção de tempo, combinando com um conceito de Natasha Dow Schull's, sobre <i>Casino Capitalism</i>.</p>
<p>¿Hacia un futuro transhumano? Alejandro Galliano. 2019. Argentina (Espanhol).</p>	<p>Aborda sobre como o futuro está cada vez mais voltado para uma lógica transhumanista, dado os avanços da tecnologia.</p>	<p>Ciência e Tecnologia; Antropologia</p>	<p>Aprimoramento tecnológico, que aborda sobre os avanços possíveis no uso de tecnologia sobre o corpo humano, e a consequente transformação deste.</p>

<p>Hacia una arqueología del presente: cultura material, tecnología y obsolescencia. Jesús Montoya Juárez. 2016. Espanha (Espanhol).</p>	<p>Se utiliza de dois romances, de Agustín Fernández Mallo e de Pedro Malra, cujas temáticas refletem o uso da tecnologia no presente, para analisar novos usos do tempo na globalização tecnológica e possíveis efeitos na intimidade ou subjetividade, enquanto perdas ou resíduos.</p>	<p>Literatura; Antropologia; Psicologia</p>	<p>Globalización, conceito que aborda o processo de aproximação entre as diferentes nações, ocorrido com a troca massiva de informações.</p>
<p>Human After All? Neo-Transhumanism and the Post-Anthropocene Debate. In Margaret Atwood's Maddaddam Trilogy. Eduardo Marín de Marques. 2017. Brasil (Inglês)</p>	<p>Procura debater, a partir das novelas pós-apocalípticas de Margaret Atwood, qual um possível futuro para as tendências pós e transhumanas, com projetos tecnológicos capitalistas que direcionam o mundo a um contexto antropoceno.</p>	<p>Literatura; Antropologia; Ciência e Tecnologia</p>	<p>Anthropocene, um conceito utilizado para designar um mundo geologicamente alterado pela influência da humanidade.</p>
<p>Humanism and Transhumanism. Fred Baumann. 2010. Estados Unidos (Inglês).</p>	<p>Aborda o ideal transhumanista, em contrapartida às teorias humanistas do passado, como o materialismo marxista ou a utopia humanista de Stinner. Elabora como o advento da tecnologia será o disparador para o transcender do humano.</p>	<p>Ciências e Tecnologia; Antropologia</p>	<p>Utopia, conceito que elucida a idealização de realidades futuras.</p>
<p>Introduction: Towards a Psychoanalytic Reading of the Posthuman. Suzanne Dow e Colin Wright. 2010. Escócia (Inglês).</p>	<p>Procura analisar o ideal posthumano e a narrativa das transformações do conceito de humano à luz da noção do sujeito autônomo e individualista produzido pelo advento da tecnologia na contemporaneidade, afirmando existir mais que um resíduo humano no posthumano.</p>	<p>Psicanálise; Filosofia</p>	<p>Autonomous Agent, nomenclatura utilizada para designar o sujeito posthumano, fruto de um aprofundamento do individualismo na era tecnológica.</p>
<p>La velocidad de los cuerpos: mercado, distopia y desecho en Los días de la peste, de Edmundo Paz Soldán. Jesús Montoya Juárez. 2018. Espanha (Espanhol).</p>	<p>Utiliza a obra literária Los días de la peste, de Edmundo Paz Soldán, para analisar a condição do corpo e da subjetividade humana nos tempos do capitalismo contemporâneo.</p>	<p>Literatura; Filosofia</p>	<p>Cuerpo, como um conceito do corpo orgânico e as modificaciones advindas da tecnologia. Subjetividad, representando as formas de se entender o que é da ordem do psíquico nas operações discursivas do capitalismo</p>
<p>Machines and Artificial Intelligence. Russell Bell. 2019. Canada (Inglês).</p>	<p>Pela lógica do movimento transhumanista, coloca em xeque a noção do ser humano como uma espécie dominante, a partir do advento da máquina, um Quatro a quem a humanidade se coloca frente a frente na corrida por potência. Frente a isso, é colocado a urgência do aprimoramento do humano ao nível do cyborg, como forma de se equiparar à máquina. Também aborda, a partir da Distributed Autonomous Organization, a noção de que o advento de robôs autônomos poderiam se tornar pessoais não humanos legais.</p>	<p>Filosofia; Marketing Behavior</p>	<p>Machine, conceito de máquina que, segundo o estudo, poderia ser chamada de "o animal pós-moderno", da qual ainda se desconhece os limites da automaticidade e de uma possível subjetividade. Other, similar ao conceito de um outro lacaniano, nesse contexto trata-se de uma imagem opostora, a qual o humano busca igualar ou ultrapassar.</p>
<p>Marxist Transhumanism?. Jeffrey Noonan. 2021. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>Aborda as duas perspectivas, transhumanista e marxista, em contraposição. Enuncia suas diferenças ao evocar os objetivos de cada teoria. A primeira, movida por transcender o orgânico, assumindo um ser de inteligência superior que estaria acima do coletivo e noção de necessidades mútuas. Já no marxismo, as instituições ganham força para a movimentação equânime dos recursos.</p>	<p>Sociologia; Filosofia; Antropologia</p>	<p>Technotopianism, semelhante a techna utopianism, que fala sobre uma utopia futurista onde o advento da tecnologia traria harmonização social.</p>

<p>Moral enhancement, Freedom, and the God Machine. Julian Savulescu e Ingmar Persson. 2012. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>O estudo procura resumir os prospectos científicos que indicam o aprimoramento moral como uma realidade a partir dos avanços da neurotecnologia. Após, procura elaborar uma discussão acerca do uso dessa tecnologia e as noções de liberdade e autonomia.</p>	<p>Neurociência</p>	<p>Moral Enhancement, que condiz com o campo de estudo que procura mapear os aspectos cognitivos da moralidade humana, e utilizar-se da tecnologia para um aprimoramento dos mecanismos de comportamento e julgamento moral. Freedom, conceito dado como o que define a autonomia individual de um sujeito. God Machine, uma máquina futurista onipotente com a capacidade de controlar e avaliar todas as tomadas de decisões humanas, seus pensamentos, desejos e crenças.</p>
<p>Moral perspectives on stimulant use by healthy students. C. Verster e A. A. van Nieuwen. 2012. África do Sul (Inglês).</p>	<p>Procura fazer uma avaliação crítica do uso de estimulantes farmacológicos para o aprimoramento cognitivo, considerando o público de estudantes de medicina.</p>	<p>Medicina; Neurociência; Farmacologia</p>	<p>Cognitive Enhancements, que aborda o uso da tecnologia para aprimoramento de funções cognitivas, como velocidade de raciocínio, memória, atenção.</p>
<p>Neurocosmética, Transhumanismo Y Materialismo Eliminatorio: Hacia Nuevas Formas de Eugenesia. Luis E. Echarte Alonso. 2012. Espanha (Espanhol).</p>	<p>Procura tecer semelhanças entre o transhumanismo e o materialismo eliminativo, abordando o corpo como um instrumento mutável. Assim, traz o debate sobre como as teorias descritas produzem uma normatização sobre essa mutação, levando ao uso indiscriminado de psicofarmacos cosméticos para extinguir o que considera-se negativo, reavaliando o eugenismo em busca de uma sociedade do <i>carpe diem</i>.</p>	<p>Biomedicina; Psicofarmacologia; Neurociência</p>	<p>Eugenesia, que abordam a busca de um ideal de felicidade eliminativo do que é considerado negativo. Auto-eugenesia, aqui, fala-se sobre uma busca do indivíduo por formas de eliminar em si próprio o que emerge como negativo, em busca de uma dita felicidade.</p>
<p>On Progress and Reason: Stories of Gods, Animals and Humans. A. Thomas. 2020. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>Aborda as teorias pós-humanas e Transhumanas sob o escopo do Iluminismo e Racionalismo Humano, elucidando que esses movimentos futuristas têm bases de pensamento em um racionalismo instrumental, e questionando quais as implicações disso no avanço do capitalismo. Coloca o pós-humanismo como uma frente que pode vir a ser crítica aos excessos do transhumanismo tecnológico.</p>	<p>Sociologia</p>	<p>Technogenesis, movimento dinâmico que amarra as noções evolutivas da tecnologia e da humanidade.</p>
<p>Paul Virilio and the temporal conditions of philosophical thinking. Jeff Noonan. Canada (Inglês).</p>	<p>Procura abordar sobre a obra de Paul Virilio, na tentativa de explicar uma possível ameaça que a velocidade da era digital pode ter para a filosofia. Justifica tal afirmativa ao expor a ideia de que o pensamento humano, em comparação com os algoritmos que regem a era digital, é muito lento, levando a sua substituição por programas que processam rapidamente a informação.</p>	<p>Filosofia</p>	<p>Philosophical Thinking, simbolizando o pensamento desacelerado e reflexivo do ser humano.</p>
<p>Psychopower and Ordinary Madness: Reified Dividuals in Cognitive Capitalism. Elin Erhan. 2019. Austrália (Inglês).</p>	<p>Procura trazer a discussão sobre a utilização da tecnologia no aprimoramento do aparato cognitivo, a perspectiva de como isso pode levar a uma mecanização dos sujeitos, devido ao poder que essa mutação teria em transformar o cérebro em máquina de processamento de dados.</p>	<p>Filosofia; Sociologia; Psicologia</p>	<p>Matural, como o que advém da natureza ou possui uma ontologia que resgata essa origem. Anoeitic, relacionado a um modo automático ou alienado de ser. Sociedade de Controle, conceito de Deleuze para simbolizar a contemporaneidade, submetida a formas de controle pelo advento da tecnologia. Biopower, conceito foucaultiano para elaborar as formas de como a circulação de poder rege a vida.</p>
<p>¿Que es el capital cibernético?. Leonardo Fabian Sai. 2021. Argentina (Espanhol).</p>	<p>Elabora sobre como o capital cibernético e sua alta acumulação de dados pode se apropriar das relações sociais mediante dispositivos tecnológicos.</p>	<p>Filosofia; Sociologia</p>	<p>Capital Cibernético, conceito que elabora uma forma específica de capital de alta tecnologia.</p>

<p>Redesenhando a natureza humana: bioaprimoramento moral e a busca pela resolução de conflitos políticos. Marcelo de Araujo. 2016. Brasil (Português).</p>	<p>Procura sustentar a ideia de que o bioaprimoramento moral poderia ser utilizado como forma de tornar as pessoas mais cooperativas e menos egoístas, mas que tal prática não iria contribuir na redução de conflitos internacionais e guerras.</p>	<p>Bioética; Filosofia</p>	<p>Bioaprimoramento Moral, semelhante ao conceito de aprimoramento moral, que condiz com o campo de estudo que procura mapear os aspectos cognitivos da moralidade humana, e utilizar-se da tecnologia para um aprimoramento dos mecanismos de comportamento e julgamento moral.</p>
<p>Technology and Mechanization Today. Peter Augustine Lawler. 2014. Estados Unidos (Inglês).</p> <p>Teleoperation, Cyborgs and the Posthuman Ideology. Mervyn F. Bendle. 2002. Inglaterra (Inglês).</p>	<p>Afirma que o progresso em tecnologia está muito pautado na mecanização. Assim, se propõe a pensar criticamente esse progresso nos dias atuais.</p> <p>Procura descrever os movimentos pós e transhumanistas, para fazer a reflexão sobre esses paradigmas serem consequências de uma sociedade voltada para a tecnologia, para a digitalização da informação.</p>	<p>Filosofia</p> <p>Filosofia; Sociologia</p>	<p>Freedom, conceito dado como o que define a autonomia individual de um sujeito.</p> <p>Technophilia, fala sobre a adoração ao que é tecnológico, especialmente aos novos lançamentos. Digital Capitalism, elabora sobre a digitalização da economia e dos dados sobre o giro de capital.</p>
<p>The Contingency of the "Enhancement" Arguments: The Possible Transition From Ethical Debate to Social and Political Programs. Veselin Mitrovic. 2014. Sérvia (Inglês).</p>	<p>Busca elucidar três aproximações à teoria do aprimoramento, trazendo-a como um ramo da bioética. O primeiro, diz respeito ao movimento transhumanista e à busca do posthumano tecnológico; seguido do bioconservadorismo, cujos representantes são abertamente críticos às transmutações do corpo; e o terceiro diz respeito a um ponto intermediário da discussão, que consideram o perigo existente na relação dialética do capitalismo e da medicina.</p>	<p>Filosofia</p>	<p>Enhancement, relacionado ao aprimoramento do humano pelo uso da tecnologia. Bioética, que elabora sobre os princípios éticos que regem a relação do ser humano com as formas de vida.</p>
<p>The Political Ontology of Cyborgs: Considering Implications of Posthumanism for Education. Rachel Buchanan e Amy McPherson. 2014. Austrália (Inglês).</p>	<p>Procura investigar os efeitos do advento da vida digital, a partir dos dispositivos tecnológicos. Busca examinar, criticamente, o surgimento de uma identidade na infância, da educação e da cultura digital, colocando em pauta o que significa um ser cyborg.</p>	<p>Educação; Filosofia</p>	<p>Cyborg, descritos como seres humanos com altas transformações corporais a partir da mescla do orgânico à tecnologia. Being, como um conceito que define uma identidade, um vir a ser.</p>
<p>To remember, or not to remember? Potential impact of memory modification on narrative identity, personal agency, mental health, and well being. Przemysław Zawadzki e Agnieszka K. Adamczyk. 2021. Polónia (Inglês).</p>	<p>Busca investigar os impactos das Memórias Modificadas Tecnológicas, avaliando quais as capacidades dessas práticas e os seus prognósticos. Considera-se as críticas referentes ao uso dessas modificações na alienação da produção identitária do ser humano, ao mesmo tempo que se avalia as potencialidades terapêuticas.</p>	<p>Neurociência; Psicologia</p>	<p>Memory Modification Technologies, prática neurocognitiva de intervenção no campo da memória humana.</p>
<p>Trabajar sobre la subjetividad humana (sobre la transformación del yo, o conversión, que necesitamos). Jorge Riechmann. 2014. Espanha (Espanhol)</p>	<p>Busca produzir um olhar crítico às formas de subjetivação da contemporaneidade, especialmente enraizadas gestão econômico política mais atual do capitalismo, o neoliberalismo. Traz esse sistema de regulação trabalhista e econômica como uma gestão de poder e controle sobre os corpos e, inclusive, as mentes, através da normatização do empreendedorismo desenfreado. Analisa, então, como os movimentos contemporâneos estão assujeitados a esse modelo de gestão.</p>	<p>Filosofia; Sociologia; Psicologia</p>	<p>Homo Economicus, conceito que caracteriza o ser humano como completamente racional e cujas decisões financeiras são direcionadas para o bem-estar ao menor custo.</p>

<p>Unfit for the future? The depoliticization of human perfectibility, from the Enlightenment to transhumanism. Nicolas Le De vic. 2018. Canada (irgds).</p>	<p>Busca fazer uma avaliação crítica acerca do movimento transhumanista, caracterizando-o como uma perspectiva depoliticizada, que procura o aperfeiçoamento técnico-científico do ser humano. Faz uma comparação com o ser autônomo do iluminismo, em disparidade com o transhumano.</p>	<p>Sociologia; Filosofia</p>	<p>Human Perfectibility, tratado como o ser humano potencializado ao seu máximo, o mais próximo de um ideal de perfeição.</p>
--	---	------------------------------	---